Revista da Semana

ANNO XXVIII N. 7 5 de Fevereiro de 1927

UM DIAMANTE QUE DÁ AZAR

E' o golden dawn — aurora de ouro — diamante bellissimo, que se reveste desse prestigio terrificante.

Descoberto em 1913, no Cabo, foi primeiramente propriedade do capitão Lucas. Ora, depois de haver varias vezes "verificado" a influencia malefica de tal pedra, o capitão vendeu-a por baixo preço — quer dizer: em vez da quantia de 75.000 libras esterlinas, em que os peritos tinham avaliado o golden dawn, apenas pediu por elle 4.550 libras. Adquirido, em fins do anno passado, em leilão, pelo Aga Khanc, personagem conhecidissima em Londres e Paris, a sua posse coincidiu com um luto tão doloroso que o principe hindu — dizem os jornaes — trata agora de se desfazer da joia valiosissima, por qualquer preço.

MEXAM COM AS ORELHAS

Trata-se da ultima descoberta dos professores de belleza londrinos. Ensinam elles aos seus clientes que, correspondendo os musculos das orelhas aos dos olhos e das faces, devemos pôr as orelhas em movimento para impedir a formação de rugas em volta dos olhos.

E já numerosos damas inglesas, ciosas da sua formosura e resolvidas a empregar todos os meios capazes de a conservar, submettem, todas as manhãs, as orelhas ao exercicio indicado, acrescentando-lhe uma serie de caretas consagradas aos musculos do rosto.

Agentes em França — DAVIGNON, BOURDET & CIE. (Antes L. MAYENCE & CIE:) 9, Rue Tronchet — Paris
Agentes nos Estados Unidos — S. S. KOPPE & Co., Inc. Times Building — New York

ESTA REVISTA CONTÉM 40 PAGINAS

ANNO XXVIII | Rio de Janeiro, 5 de Fevereiro de 1927 | NUMERO 7

NUMA destas noites abrazadoras do verão carioca, puz-me a ler Shakespeare. Mas o calor m'o impedia e, alguns minutos depois, estava dormindo a somno solto. E foi, sem duvida, sob a influencia do genio da tragedia humana que tive este sonho, que me ficou gravado na memoria: foi o sonho de uma noite de verão. Passo aqui a reconstituil-o:

I

"Plena selva. O sol, com um olhar de fogo, espreita e procura devassar lubricamente a floresta virgem e sonora...

A sombra protege os amores das feras em sesta, avelludando o chão tapetado de folhas e flores soltas. Ha na folhagem arrepios de volupia; e, nos musgos, lichens, avencas e samambaias, uma languida caricia de abandono... O ar satura-se de perfumes acres e penetrantes, que veem das resinas, da vegetação pletórica e do seio da terra fecunda.

As arvores, desde a ansia das raizes ao jubilo verde das frondes, palpitam de vida num excesso de seiva e vigor: estendem os braços, num gesto quasi humano de saudação, ostentando braceletes de lianas e o donaire das orchideas, para festejar o céo e receber a glorificação da luz.

Ouve-se uma algazarra de rythmos. Sente-se uma evaporação de aromas que embriagam. Deslumbra o capricho divino das borboletas multicôres, numa dynamização subtil de flores aladas.

Pompeia em todo esse scenario de paraiso um luxo de côres, como num toque de pinceladas frescas. E a côr sorri em tudo: vôa nos papagaios, araras e periquitos; perfuma na flôr; risca a pelle dos animaes; zumbe nos insectos... Nas mil cambiantes desse colorido pujante e pródigo dansa o jogo dos contrastes, como se creanças, em ciranda, estivessem a brincar com o arco-iris...

... Um rio, serpente branca, tilintando os guisos das aguas limpidas e velozes, colleia por entre a selva espessa. Num lago de aguas pensativas uma farandola de iáras espanta bandos de patos selvagens, surgindo, como flôres lunares, da superficie coberta de nelumbos e victorias régias...

Deslisa, lenta e subtil, uma canôa esguia e longa, mansa, levemente impellida pelo remo fragil do caboclo nostalgico, que vae demorando o olhar indifferente pelo mysterio verde que o envolve... E a piróga desce o rio sensual, que corre a cantar, levando comsigo a indolencia da raça.

II

Mais além, a canôa pára de subito pelo assombro da surpresa: um incendio colossal devora a matta. E' o espectaculo formidavel das *queimadas*.

Columnas de fogo galopam e relincham, como pôtros chucros, na alegria selvagem das chammas.

Arapongas soltam, espavoridas, o alarma estridente. Passaros vôam em fuga precípite. Ninhos desfazem-se em labaredas, como corôas luminosas de Christos alados... Animaes ferozes uivam de dôr e debandam bramindo o seu terror e a sua furia. Arvores tombam, como gigantes fulminados, com as frondes virentes transformadas em rubras taças, onde ferve o vinho diabolico do fogo. Palmeiras abrem leques de scentelhas. Estalam taquaras e bambús, num côro de appalausos delirantes. Volutas de fumo espiralam-se na altura: são as nuvens de incenso para aquelle estupendo sacrificio.

O caboclo dá um impulso vigoroso á canôa, que corre rio abaixo, atravessando uma selva de fantasmas luminosos, sob a assuada implacavel do incendio titanico, que vae reduzindo a cinzas o cadaver da floresta sacrificada, numa gigantomachia do esplendor.

III

Venceu o caboclo, finalmente, a voragem daquella orgia escarlate, que desfizera, em minutos allucinantes, a verde apotheose da selva bravia e sonora.

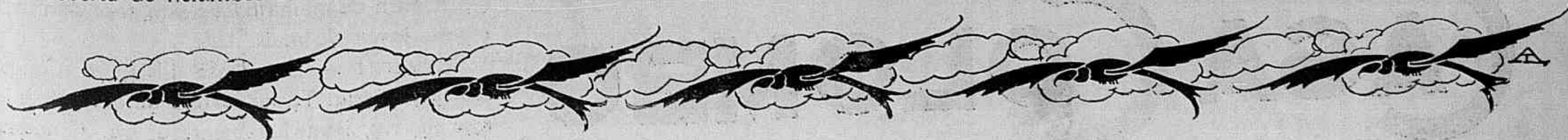
De novo o rio embarafusta pela matta ruidosa e sombria.

A canôa, agora, ao sabor da corrente, conduz a preguiça do homem triste e sensual... E ouve-se um soluço de viola, num segredo de maguas sertanejas. O caboclo depois, em silencio, continúa descendo o rio, vendo em cada arvore a sua morena ausente e sentindo em cada arrulho um beijo... Os cipós, que entrelaçam os ramos e suspendem parasitas, se lhe afiguram rêdes que embalam o corpo adormecido da mulher que o espera sorrindo... E desapparece na caricia azul da distancia.

As arvores, em torno, se contorcem de goso, recebendo a caricia do sol e os galanteios do vento. Aves, pulando de galho em galho, num alvoroço de asas e rythmos, cantam uma symphonia tropical!"

....

Acordei com Shakespeare nas mãos e com as estrellas no céo sereno.

Eis ahi o meu sonho numa quente noite de verão.

O VESTIDO DA CONDESSA

Conto de Jean Bonot

PRIMEIRO QUADRO

CONDE — Que é, Baptista? Uma visita! (*Tomando o cartão de visita que o criado lhe apresenta numa salva*) "Serafim, costureiro"... Está bom, mande entrar.

Entra Serafim. Cumprimentos. O costureiro senta-se.

SERAFIM — O objecto da minha visita, sr. Conde, é uma coisa que me custa muito, muito...

CONDE — Pode estar certo, meu amigo, de que as visitas que a Condessa lhe faz me custam, a mim, muito mais. Ora, vamos... De que se trata? Ou por outra: quanto lhe estamos devendo?

SERAFIM — Asseguro ao sr. Conde que não foi para isso... Emfim... Uma bagatela: seis mil francos. Mas o motivo que aqui me traz é outro e, para mim, muito mais importante. Não é o commerciante, sr. Conde, que neste momento se dirige a V. Ex., mas sim o artista.

CONDE — E com essa figura de tristeza e abatimento... De que se queixa então o artista?

SERAFIM — Queixo-me da teimosia da senhora Condessa.

CONDE — Ora essa!

SERAFIM — A sra. Condessa é uma dama encantadora, duma alegria franca, duma mocidade de ideias e de sentimentos que eu cada vez admiro mais. Infelizmente, a sra. Condessa parece esquecer que eu a visto desde o seu casamento... isto é, se a memoria me não trae... ha de haver, mais ou menos, um quarto de seculo.

CONDE — Em algarismos exactos, vinte e sete annos. E então, sr. Serafim?

SERAFIM — Então, desejava eu que a sra. Condessa — cujos encantos estão longe, bem longe de diminuir — reflectisse um pouco no seguinte: que, no correr destes vinte e sete annos, a sua belleza evoluiu e portanto lhe convem agora outro... outro genero de elegancia. Ha mais de dez annos eu tento persuadir a sra. Condessa, com os mais estudados, mais respeitosos argumentos... Debalde! E eis porque resolvi appellar, em ultima instancia, para o sr. Conde.

CONDE — Para mim! Mas que quer o senhor que eu faça?

SERAFIM — Que previna a sra. Condessa do perigo que a ameaça — o mais grave dos perigos — o ridiculo. A ultima *toilette* que ella me encommendou foi um vestido verde-maçã absolutamente desastroso. Hoje mesmo, durante a prova, os meus manequins sorriam, as minhas costureiras cochichavam; e até uma aprendiz — que eu immediatamente despedi — ousou fazer, a meia voz, um reparo lamentavel, o que ha de mais lamentavel!

CONDE — Ah, sim? Que disse ella?

SERAFIM — Sr. Conde... O immenso respeito que a sra. Condessa me merece...

CONDE — Bom, mas sou eu que lhe peço... Que disse a tal pequena?

SERAFIM — Pois bem, disse: "Espiem só esta velha maluca!"

CONDE — Exagero de creança...

SERAFIM — Nem por isso o facto se torna menos lamentavel. E a verdade é que uma elegancia mais singella, cores menos vivas, córtes menos audaciosos iriam muito melhor ao actual... á actual robustez da sra. Condessa...

CONDE — Pobre Odette! Bastantes vezes me tem impressionado a extravagancia da sua toilette... Mas, se lhe digo alguma coisa, sabe o que ella responde? "Este vestido é da casa Serafim, está ouvindo?" E, deante disso, só tenho que me inclinar...

SERAFIM — Pois ahi é que está, sr. Conde... Ainda se a sra. Condessa não dissesse que aquelles vestidos são da minha casa... Mas assim dá-me um prejuizo enorme... Por isso é que eu venho pedir ao sr. Conde... que a convença, que lhe abra os olhos...

CONDE — Emfim, que lhe diga a verdade. Deus me livre: dar-lhe-hia um desgosto enorme...

SERAFIM — Mas, com geito, recorrendo talvez a um meio indirecto...

CONDE — Ah, espere! Creio que arranjei o meio. Vou dizer a minha mulher que sou eu que estou envelhecendo e que não fica bem a um homem da minha edade exhibir-se com uma esposa joven de mais...

SERAFIM — Excellente ideia, sr. Conde, excellente ideia! Tenho certeza de que, allegado esse motivo, immediatamente a sra. Condessa desistirá do horrendo vestido côr de maçã!

SEGUNDO QUADRO

CONDE, *vendo-se a um espelho* — Minha cara Odette, estou envelhecendo a olhos vistos. Repara nestes pés de gallinha, estas bochechas flacidas, estes cabellos nas orelhas...

CONDESSA — Realmente, Eustachio, estás ficando edoso...

CONDE — Que se ha de fazer? O tempo voa. Estamos casados... Sabes ha quanto tempo? Ha vinte e sete annos.

CONDESSA — Ha já vinte e sete annos que estás casado... Pobre Eustachio.

CONDE — Podia ser avô...

CONDESSA — Podias, sim! E ha muito tempo!

CONDE — Por isso mesmo, tomei uma resolução. Vou deixar de me vestir como qualquer rapaz.

CONDESSA — E fazes bem. Do contrario, cahirias no ridiculo.

CONDE — Já que estou em edade de ser avô, vou me vestir como um avô.

CONDESSA — E garanto-te que ficarás um lindo velho.

CONDE — Obrigado, Odette. A questão é que, depois dessa transformação, não poderei continuar a sahir comtigo, sob pena de se rirem de mim. Bem sabes como se faz caçoada dos velhotes casados com mulheres muito moças...

CONDESSA — Não ha duvida, Eustachio. Mas eu arranjarei as coisas de maneira a poupar-te esse vexame...

CONDE, *commovido e radiante* — E's um anjo.

CONDESSA — Vou mandar immediatamente um bilhete ao Serafim.

CONDE, *comsigo* — Ora, graças! E afinal, não foi tão difficil assim!

* * *

No dia seguinte, recebia o costureiro esta missiva:

"Caro sr. Serafim — Meu marido está envelhecendo. E, como elle não pode airosamente acompanhar uma esposa joven de mais, apresso-me a escrever-lhe, Sr. Serafim, para fazer certas alterações no meu vestido verde-maçã. Tinhamos combinado uma guarnição de renda escura; faça favor de substituir essa renda por outra bem alegre, côr de rosa por exemplo. Além disso, queira encurtar a saia em alguns centimetros. E assim deixará o conde de ser ridiculo — porque toda a gente me tomará por sua filha.

Sua fiel fregueza — *Odette Moréne*".

A senhorinha Maria Luiza Prado, irmã do conhecido *sportman* Armando Prado, que, por motivo do seu anniversario, transcorrido no domingo ultimo, offereceu um chá-dansante ás suas amiguinhas.

A senhora E. Morsell não se submetteu á moda dos cabellos curtos e conserva a sua opulenta cabelleira, tão basta que, ao leval-a, carece do auxilio do sr. Morsell, que fica em casa para ajudal-a...

Pelo Mundo Fora

O EXERCITO CHINEZ

Ao que diz o Excelsior, a China poderá, se achar necessario, pôr em pé de guerra um exercito de 3 milhões de homens.

O soldado chinez é extremamente dedicado aos seus chefes. Assim plenamente se verificou durante as ultimas guerras civis. A mudança inesperada dum general determinava a sublevação das tropas subordinadas ao novo chefe.

Os soldados de infantaria estão perfeitamente familiarizados com a guerra de trincheiras.

As armas do exercito chinez são todas de procedencia estrangeira: bayonetas russas, metralhadoras austriacas, espingardas italianas ou japonezas.

Aviação, por assim dizer, não existe.

A artilharia só utiliza os calibres de campanha e os skrapnels.

A Cruz Vermelha Chineza está excellentemente organizada. Os hospitaes foram instalados sob a egide da Instituição Rockefeller; e nelles se encontram principalmente missionarios europeus.

UM PHAROL NO ETNA

Annunciam os jornaes italianos que vae ser construido ao alto do Monte Etna um pharol gigantesco, dum milhão de velas.

Esse pharol não se destinará especialmente aos marinheiros, mas sobretudo aos aviadores que atravessarem o Mediterraneo.

Espera-se que, situado a 3.000 metros de altitude e com a força extraordinaria da sua projecção, o novo pharol seja avistado de qualquer ponto do Mediterraneo pelos aviões que viajarem a certa altura.

Para obter a energia electrica necessaria áquelle dispendio formidavel de luz, empregar-se-ão diversas forças, entre ellas a do vento que continuamente varre o grande vulcão siciliano.

O MAIOR CONTRIBUINTE DO MUNDO

Não são os Estados Unidos — mas sim a Grã-Bretanha que se pode gabar de possuir o contribuinte que entra com maior somma para os cofres da Nação.

Esse contribuinte é sir Bijay Chand Mahtab, marajah de Budwan, que annualmente paga ao Imperio, em diversos impostos, milhão e meio de libras esterlinas, ou sejam, ao cambio actual, mais ou menos, 64.500 contos de réis.

Nos seus dominios, vivem mais de um milhão de pessôas.

O maharadjah de Budwan é um colosso, dotado de prodigiosa força. Subiu ao throno com seis annos de edade; e conta hoje quarenta e cinco annos.

O CEGO POLYGLOTTA

Vem no Figaro a historieta dum cego conhecidissimo em certo bairro parisiense e o qual, sabendo dizer "obrigado" em varios idiomas, poz ao peito um pedaço de papelão com estas palavras: "O cego é polyglotta".

Uma bondosa dama, que vae passando com uma amiga, dá esmola ao mendigo e, depois de ler aquella inscripção, volta-se para a companheira e commenta:

— Coitadinho, além de cégo, polyglotta!

Elegancia Masculina

O "ZIPPER"

Tinha que acontecer. Era questão de tempo e de engenho humano arranjar um *zipper* que não esfolasse a pelle; agora porém acaba de ser introduzido o pegador *zipper* e podeis afinal usal-lo em vossa camisa. Consta de dois dentes de metal com um fecho intermedio e usam-no tambem em tabaqueiras, bolsas, pastas para papeis etc.

Como se vê no desenho, o seu uso permitte commodidade e facilidade de movimento. Os fabricantes de roupas brancas garantem que o novo invento não apanha ferrugem e que se pode ajustar tão bem que não ha contacto do metal com qualquer parte do corpo.

SMOKING

«De qoe serve— admirava-se um amigo meu outro dia — ter um collete vistoso para usar com um smoking, se se conserva toda a noite o smoking abotoado?" Como elle manifestasse em voz alta essa sua admiração, dei-lhe esta resposta em forma de pergunta: "Porque conservar toda a noite o smoking abotoado? Não existe nenhuma lei de indumentaria prescrevendo que se deva usar o casaco abotoado. Isto, quando se trata de um paletó sacco. Ninguem traz o casaco sempre abotoado. O smoking é afinal de contas uma peça de vestuario em que se deve estar á vontade. Não possue o tom de distincção da casaca. Não exige dignidade de tratamento. Se um homem se sente bem em o conservar aberto, não vejo absolutamente razão para que o não faça. Se o fizer, o collete exhibir-se-á em toda a sua gloria. Isso explica o fim para que se usa o collete. E' agradabilissmo o effeito que

produz um bello collete de seda preta. Estão hoje muito em voga as sedas de padrões especiaes.

Como acima ficou suggerido, a regra, segundo a qual é perfeitamente correcto o uso do smoking desabotoado, soffre sua excepção no que concerne ao jaquetão, que desabotoado produz um pessimo effeito.

COLLETES-PHANTASIA

Se desejaes variar o vosso traje diario, não vos esqueçaes da possibilidade de usardes os colletes de fantasia. Não me refiro, é claro, ao typo do collete *Tattersall* com

pregas e xadrezes de cores alegres, mais indicado como traje de campo e de desporto. Refiro-me, sim, aos colletes simples e modestos, chamados de fantazia por não serem da mesma fazenda do casaco e da calça, e que dão ao traje de rua certa variedade sem perturbar a combinação sobria das cores.

Vamos suppor que o leitor usa agora um terno escuro. Se em logar do collete que traz, usar um de panno cinzento liso differente da fazenda do terno, produzirá isso um effeito elegante, principalmente se o combinar com uma camisa de listas azues e brancas e gravatas de listas azues e cinzentas, toda azul ou toda cinzenta.

Outro exemplo de collete de fantazia combinando com o traje de trabalho que vi recentemente é um collete de trespasse combinando com um fato verde escuro. A camisa neste caso era verde-claro, com collarinho da mesma côr e gravata de fazenda lisa verde escura.

Vi um collete cinzento esverdinhado usado com um fato cinzento escuro e um collete pardo claro combinando com um fato pardo escuro. Esta harmonia do tom claro do collete com o tom escuro do fato da mesma côr produz um effeito todo especial.

Peter Greig

(Serviço do *Bell Features Syndicate inc.*)

PENSAMENTOS

Acceite-se alegria ou soffrimento com calma e energia, que depois da clara manhã a triste noite não surprehenda.

Não ha nada mais bello que uma flôr em Abril, a não ser a folha de ouro que cae com o vento do outomno.

Da palavra á acção o caminho é longo.

As alumnas das escolas de enfermeiras da Saúde Publica realizaram um festival em homenagem á senhora Lais Netto dos Reys, que regressou dos Estados Unidos, onde esteve em estudos de aperfeiçoamento, e ás diplomadas do ultimo anno. A nossa gravura traduz essa homenagem.

Hotte, Paulo, Grahamm e Theophilo, respeitaveis tennistas de Bello Horizonte.

Rainha Prajadipok, a mais bella mulher de Sião.

ARVIDA, CIDADE MAGICA

Os pioneiros que tão penosamente levantaram, cabana a cabana, as primeiras localidades do Canadá ficariam espantados se, voltando ao mundo, vissem com que rapidez surgiu, ao norte da provincia do Quebec, a cidade Arvida.

Ha apenas um anno, ainda o logar onde essa cidade se levanta era uma planicie deserta. Uma empreza industrial, a Aluminium Co. of Canadá, escolheu esse sitio para a edificação duma usina que receberá a força motriz dum dos poderosos geradores hydro-electricos que se tornam cada vez mais numerosos na provincia. A força electrica espalha-se nos districtos florestaes, e localidades inteiras a vão acompanhando. Nenhuma localidade, porém, da importancia de Arvida fôra ainda concebida e executada, peça por peça, no coração dum deserto.

Não houve barracas provisorias. Quiz-se logo realizar uma cidade moderna. Os architectos, engenheiros e pedreiros deitaram mãos á obra, com planos perfeitamente determinados. Já duzentas e setenta estavam promptas á data do jornal donde extrahimos estas notas. E outras se vão construindo, para conter os mil e quinhentos operarios que a referida usina reclama— para começar. Essas casas serão vendidas em condições modicas e a prestações.

Arvida possue já uma egreja, illuminação electrica, systema completo de esgotos, agua potavel e telefone. Vão ser creados um hospital e uma escola — a que outras se seguirão, ao passo que a cidade se fôr desenvolvendo — um campo de desportos, uma bibliotheca, varios cinemas e um jornal diario. E calcula-se que, nesse logar ainda ha um anno deserto, a população se elevará, dentro de tres annos, a 30.000 almas.

AS BIBLIOTHECAS ITALIANAS

Em artigo publicado na revista Minerva, o sr. Fortunato Rizzi deplora o estado em que se encontram geralmente as bibliothecas publicas italianas.

A Bibliotheca Nacional de Florença, que é, a bem dizer, o coração e o cerebro da Italia e comporta dois milhões de livros, acha-se em pessimas condições. Não dispõe nem de pessoal sufficiente nem de logares confortaveis.

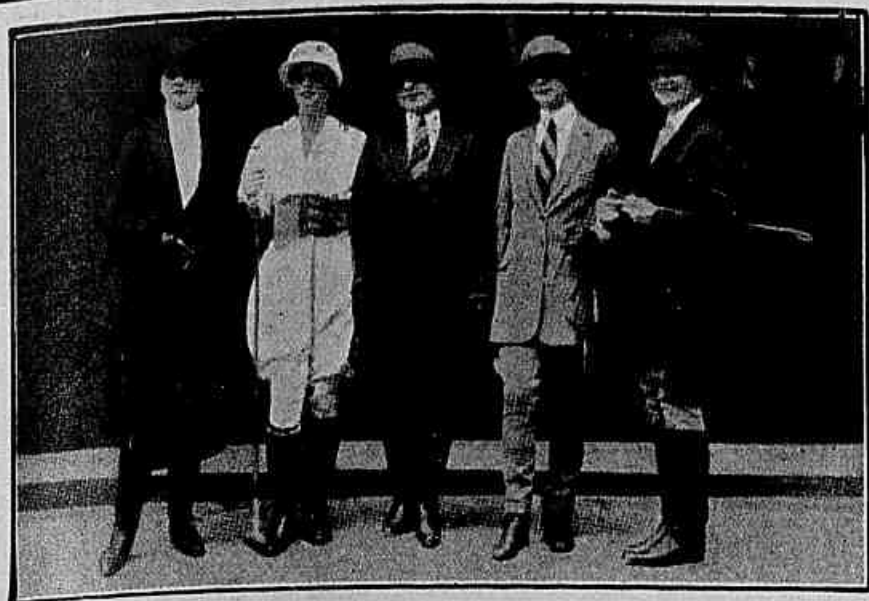
A Bibliotheca Universal de Turim faz lembrar os depositos de bagagens das estações de estradas de ferro. Destruida em 1904 por um terrivel incendio que devorou 24.000 volumes e numerosos manuscriptos, espera ainda os mecenas que a hão de reerguer dos escombros.

A bibliotheca de Bolonha, cujo orçamento se reduz a 40.000 liras, tem uma sala de leitura que antes parece um vasto dormitorio.

Mais ou menos o mesmo se pode dizer da Bibliotheca Marciana, de Veneza, cujo espaço é restricto e reduzido o pessoal.

A primeira ideia duma bibliotheca publica em Veneza foi lançada por Petrarca e só no seculo XVIII realizada. Na época de Napoleão, foi transformada em salão de baile.

As bibliothecas de Roma chegaram a condições egualmente deploraveis. Só a do Vaticano, que pertence á Santa Sé, está perfeitamente organizada e administrada.

Quem lança os olhos para o estado miseravel em que se encontram as bibliotecas publicas da Italia — conclue o sr. Fortunato Rizzi — tem a impresão de assistir a uma agonia lenta e sem remedio.

As moças modernas em New-York: alguns costumes de montaria apresentados na mostra nacional de cavallos.

O MIKADO PERDIDO

Um recente decreto imperial restituiu, no Japão, as prerogativas ao imperador Chokes, 98.º soberano do Imperio do Sol Levante, cujo reinado não era reconhecido pelos historiadores modernos. Esta injustiça — agora officialmente reparada — dava ao soberano recem-fallecido o 122.º logar na longa série ininterrupta dos imperadores nipponicos; o reconhecimento solemne do imperador Chokes faz, pois, de Mutushito o 123.º imperador.

Durante cinco seculos aquelle reinado esteve fóra da Historia; e foram necessarias, para o descobrir, longas e minuciosas pesquizas nos archivos do velho Japão.

ESPERANTO

O principe Carlos da Suecia, duque de Vestergoetland, irmão da Princeza Astrid — esposa do principe herdeiro da Belgica — prestou, o mez passado, exames de esperanto no liceu Bekowska Skolan, em Oslo, e foi aprovado.

O principe Carlos, que tenciona seguir o curso de Medicina, é esperantista desde 1918, quando dirigiu a sua adhesão ao Congresso Esperantista Escandinavo, reunido em Goteborg.

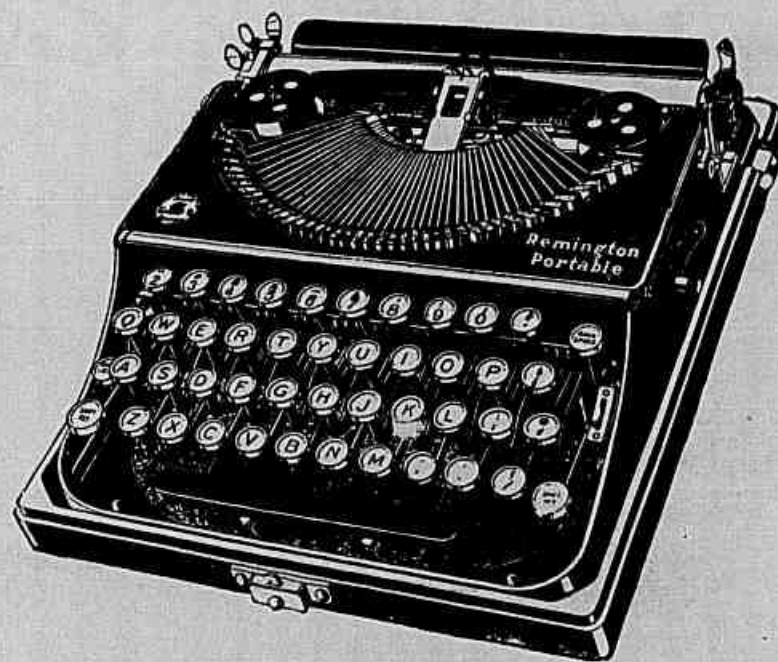
A proposito, é bom lembrar que, no anno proximo, se reunirão em Antuerpia os esperantistas do mundo inteiro. Será o vigesimo Congresso Internacional de Esperanto. E a municipalidade de Antuerpia liga tanta importancia a esse Congresso que organizou já para os seus agentes um curso da lingua universal.

UMA NOVA DANSA

O Ministerio do Interior da Hungria prohibiu o "charleston" em todo o territorio nacional.

Em compensação, está sendo lançada em Budapest — dizem os jornaes — uma nova dansa, cujo exito é dos mais brilhantes e promettedores. O autor é o professor de dansa sr. Saphir, que recentemente ganhou o primeiro premio num concurso de dansa, em Paris.

A dansa em questão, que se chama "Budapest", obedece a uma combinação de rythmos hungaros e norte-americanos, da qual, ao que parece, resultam effeitos graciosissimos.

Grupo tirado em Praia Formosa, na Parahyba do Norte, pelas festas do Natal, no qual se vêem, em companhia de amiguinhas, as gentis filhas do dr. Clemente Rosas, irmão do marechal Espiridião Rosas.

CONTRA O TORCICOLLO

Não ha incommodo mais aborrecido, mais afflictivo que um torcicollo. E, ao que diz o Dr. Kouindjy, nada mais facil que curar rapidamente esse mal.

Para isso, basta operar uma tracção progressiva dos musculos retrahidos, por meio da mesa de suspensão inventada por aquelle doutor; depois, proceda-se á massagem methodica — e sendo preciso por faradisação — dos musculos antagonistas em hypotonia; e façam-se exercicios reeducativos para desenvolver os movimentos voluntarios dos musculos hypertonificados.

Como se vê, nada mais facil!

As franjas

Que mulher ha que não se recorde dos vestidos para visitas que se usava ha alguns annos? Eram trajes de grande pretensão, largos, bastantes ancas. Eram confeccionados para senhoras que tinham de andar de um lado pára outro em Paris dentro d'um carro vagaroso mas commodo. Esses vestidos impunham ás senhoras attitudes cerimoniosas, gestos medidos...

Deitemos uma olhadela para os vestidos de hoje em dia; simples, rectos, sem pretensões, e sem adornos inuteis, mas em troca offerecem uma graça encantadora no corte e dão á *silhouette* feminina um chic de indefinivel sugestão. O que caracterisou especialmente os vestidos de 1926 é o seu traço desportivo. Os costureiros preocuparam-se de que a mulher moderna não passa a vida em casa e que com frequencia tem de correr para alcançar o *metro*, o *autobus* ou o electrico. Esta consideração revela-nos que as mudanças que se observa em tres ou quatro temporadas no corte e na disposição dos trajes não tem por unico mobil a frivolidade e que com frequencia são inspiradas n'um criterio eminentemente pratico.

Capa feita de pequenas fitas de velludo abricot. As fitas são menores ao alto do que em baixo e a capa é guarnecida de mongolia branca crespa.

As recentes collecções dos costureiros de fama offerecem-nos modelos definitivos e d'uma encantadora seducção. Admiramos n'uma casa do faubourg de Saint-Honoré um primoroso vestido abrigo de *reps* verdeamendoa que se abre sobre a frente de marroquino cinzento claro. As mangas, o collo e os bolsos estão guarnecidos com um galão bordado com verde-gris e oiro.

Na mesma collecção vimos lindos vestidos de *crépon:* o primeiro era de crépon de China, cor de pau rosa, de duas tonalidades; o segundo, de crépon georgette e velludo negro, realçado por um cinto de strass.

As franjas constituem um elemento muito importante da moda actual. As franjas dispostas harmonicamente dão elegancia ao traje, sinuosidade e distincção. Esta tendencia assignala um gosto manifesto pelos adornos de passemanaria com botões, galões etc. Utilisam-se bastante as franjas de cordão, mas tambem se vê algumas de seda, muito esponjosas, que de longe teem a apparencia de pelucia. A maior novidade do dia consiste em guarnecer as mangas com franjas de indole differente. As franjas harmonisam-se sempre com o vestido, e no que respeita a tonalidade são de cores claras.

Vestido de musselina de seda mastic e de fina renda chantilly do mesmo tom.

Vestidos para noite

Os vestidos para de noite que predominam esta temporada são de grande sumptuosidade. Este inverno usa-se muito a musselina de seda de encantadoras cores. As musselinas estampadas que dão á toilette a nota decorativa que convem ao gosto contemporaneo gosam de grande apreço. Como temos assignalado em varias occasiões os vestidos negros para de noite voltam a usar-se bastante. O negro tem um prestigio de visão a que não podem aspirar as outras cores, a sua gravidade dá á mulher um hieratismo de bom tom em certas occasiões. ¡Os vestidos perlés que refulgem sob a luz artificial teem muito partido entre as mulheres que gostam da sumptuosidade um tanto berrante. Nestes trajes a guarnição de bordados metallicos é disposta sobretudo na saia.

Tailleur de velludo azul marinha, saia de grandes prégas e blusa de crêpe azul claro bordada de lacets azul marinha. A jaqueta é guarnecida de pelle de lagarto cinza.

A voga das joias de imitação longe de se attenuar cobram de hora a hora novo impulso, e até os joalheiros de fama, que não vendiam até agora senão pedras preciosas e anneis de authenticidade garantida devidamente, offerecem á sua clientela pedras de grosseira imitação.

Os vestidos para a noite deste inverno trazem com frequencia effeitos de laçadas e guarnições na cintura. De um modo geral nas toilettes de noite domina o genero *flou* e os modelos mais recentes denunciam um marcado gosto pelos adornos e disposições de caracter essencialmente feminino.

A. D'ENERY

(Serviço especial do «Consortium de Presse»).

Frascos da moda. O primeiro é de crystal, cuja rolha, de crystal preto, genero onyx, tem a largura do frasco. O segundo, de pasta de vidro azul, é ornado de fios ouro e borla ouro. Bracelete ouro velho com pequenas pedras de côr. Bolsa de setim guarnecida de similis. Pequena bolsa de flôres artificiaes. Grande golla e toque de astrakan cinza. Canhões e luvas condizentes.

Vestido de crepe grege e crepe azul marinha, bordado de azul vivo.

O que vae pelo mundo

1 — O ganso *mascotte* do Real Regimento de Dragões do Exercito Britannico. Na gravura vê-se o *Jock* em parada, em Hounslow. 2 — Um aspecto, de costas, do gigantesco e maravilhoso carro de corridas de Mr. Malcelm Campbell, com o qual espera bater o record mundial de tres milhas por minuto. 3 — Uma interessante saudação do Natal, por meio de nove cãesinhos. 4 — O Natal entre os solitarios vigias do mar. A gravura mostra os bravos marinheiros a bordo do navio-pharol do estuario do Tamisa, festejando o seu Natal na cabine da sua embarcação. 5 — Os meninos da Escola do Hospital de Chetam, em Manchester, cantando, pelo Natal, com os velhos costumes que eram usados quando a Escola foi fundada, ha cerca de trezentos annos. 6 — Os *Piratas de Penzance*, celebre opera-comica de Gilbert e Sullivan, apresentada em Londres no ultimo Natal, por collegiaes. 7 — Outro aspecto da commemoração do Natal pelos solitarios vigias do mar: os marinheiros do navio-pharol do estuario do Tamisa cantando ao som dos instrumentos existentes na sua embarcação.

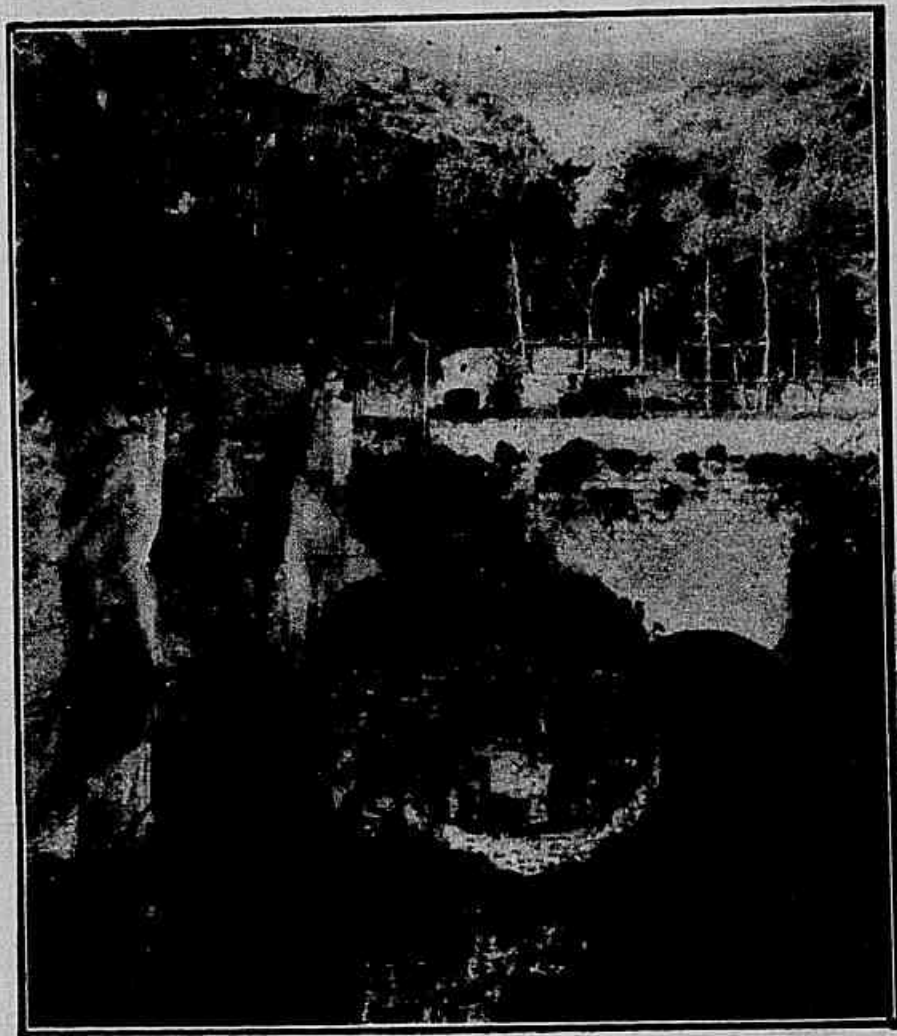
O tumulo de Virgilio

A ITALIA prepara-se para celebrar o segundo millenario de Virgilio. As cidades que tomarão parte mais activa na commemoração e onde serão erguidos monumentos ao poeta-gigante são aquella onde nasceu e a que lhe guarda as cinzas: Mantua e Napoles.

Nenhuma occasião mais propicia e opportuna para que o povo e o governo honrem áquelle que se póde chamar o *avô* immortal da poesia italiana, porque Dante, o *pae*, é um filho de Virgilio. Este, além da sua grandeza de artista, da musica dos seus versos, da admiravel maneira de descrever e de fazer sentir a sua creação tão humana, que não envelhece nem morre, é o poeta que mais heroicamente cantou a gloria de Roma e a visão da futura grandeza da Italia imperial.

Virgilio viveu em Napoles; corre que teve uma linda villa na collina de Posilipo, á beira-mar, onde ainda existe um rochedo em que — diz a tradição — se sentava o poeta, e que é conhecido pelo nome de *Scoglio de Virgilio*.

Não é mister que nos afastemos senão alguns metros da cidade e que passemos pela Gruta de Puzzuoli, essa celebre via subterranea cuja origem remonta nada menos do que a Nerva, e na qual ainda se encontram vestigios do culto á Mitra e ás divindades pagãs, para que nos encontremos no paiz de Virgilio.

Conhecem-se os quadros que o poeta pinta nos cantos VI e VII das suas *Georgicas*. Estendem-se diante

O tumulo de Virgilio em Posilipo.

de nós os *Campos Flegrei*, com o seu silencio solemne e o horizonte azul do mar, que umas vezes beija as pedras com as suas ondas, de outras as açoita ensoberbecido e magnifico.

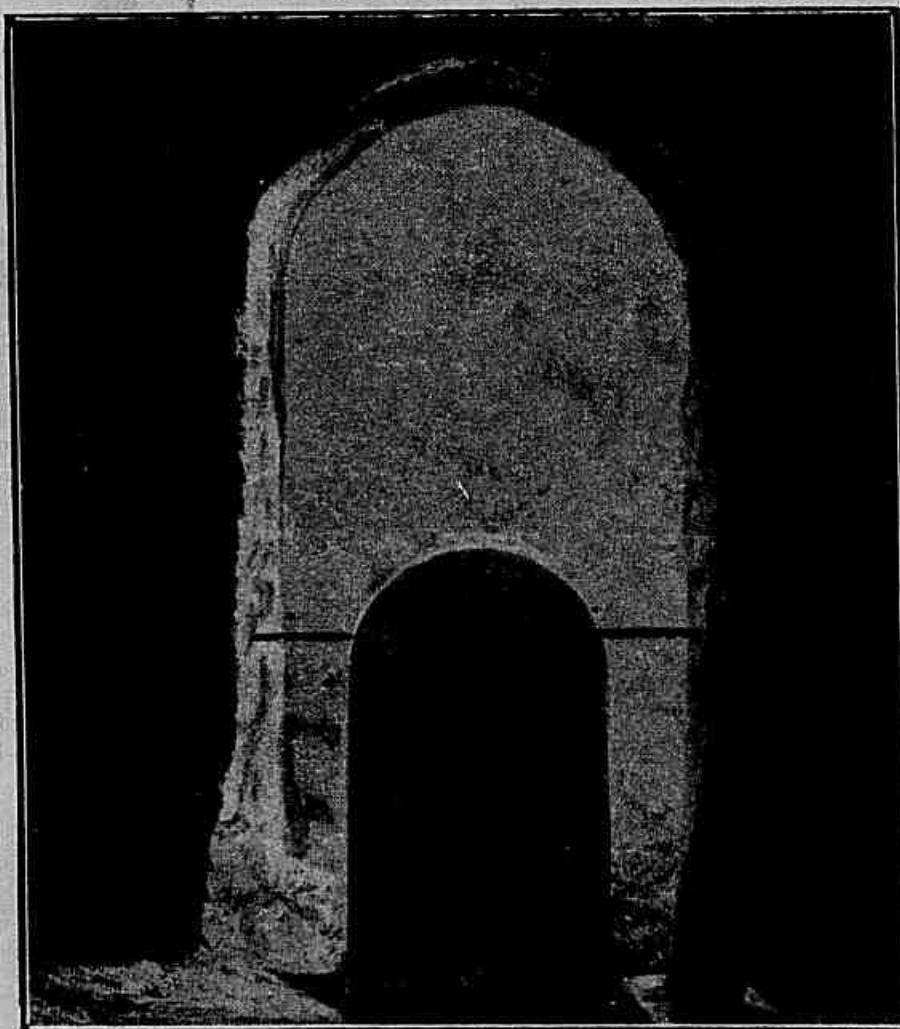
Publio Virgilio, como abelha, conhecia a paz, a calma e a doçura dessa paizagem, que a sua visão divina illuminou, deixando o terrivel que ha no seu fundo para guiar mais tarde a inspiração de Dante. Nessa natureza vívida, onde uma noite surgiu o *Monte Nuevo;* onde a solfatara é como um gigante adormecido que se agita e respira; onde estão o lago Averno e o Lucrino, a cujas margens sacrificou Annibal; onde se conservam os antros da celebre sibylla Cumana e passam as sombras de Tiberio e de Neto, as féras e demonios que o Apocalypse symbolisa; onde o segundo meditou o assassinio de sua mãe, o terrivel e o idyllico se unem de um modo extraordinario.

Mas, acima de tudo, palpita o paganismo, unido ás entranhas da paizagem e do povo. E' o paiz da Eneida. Estão diante de nós Sorrento, á esquerda, onde Ulysses ergueu um templo a Minerva, e á direita o cabo Miseno, onde Enéas embarcou e levantou o monumento ao seu companheiro morto.

Virgilio amava a Napoles, a Parthenope que tomou o seu nome da infeliz nympha enamorada de Ulysses que desejou que os seus restos ahi repousassem. Ao voltar do Oriente dirigia-se a Roma, convidado por Augusto, quando a morte o surprehendeu em Brindisi. Augusto fez transportar os seus restos para Napoles e erigiu-lhe um monumento na antiga villa de Pollion, que lhe pertencia.

Itacio e Silio Italico falam dessa sepultura. Segundo elles, compunha-se de nove columnas que sustinham um pedestal no qual descansava a urna funeraria do poeta, com a seguinte epigraphe:

Mantua me genuit, Calabri rapuere, tenet, nunc Partenope, cicini pascua, rura, duces.

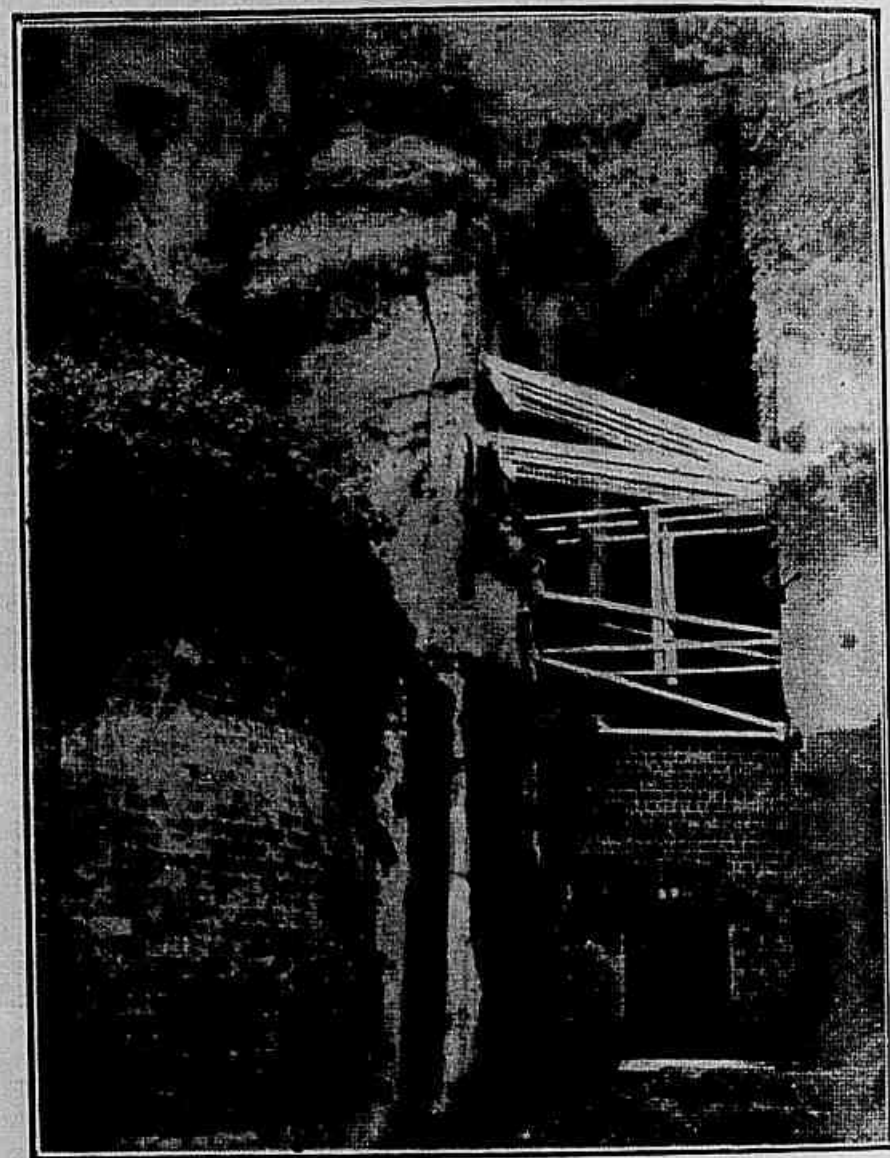
Acredita-se que essa urna tenha sido transportada para Castelnuovo; mas não foi possivel encontral-a, apezar do esforço empregado por Affonso I, de Aragão.

Lapide do tumulo de Virgilio.

Em 1668, Cetano descreve o tumulo de Virgilio como um pequeno templo quadrado, semelhante ao que existe em honra do poeta, com o seu busto, na Villa Nazionale.

No sepulcro do poeta, se não fica o seu corpo, subsiste o seu espirito. Isto é: o espirito virgiliano enche-o quasi todo. As obras levadas a cabo na gruta, através do tempo, deixaram o local da sua sepultura suspenso, como sumido no rochedo; é um columbario partido, talhado em parte no monte, e commove a alma com o seu ar de vetustez e de *authenticidade*, como não poderá commover o magnifico monumento que se projecta.

Embora sendo um poeta pagão, Virgilio teve sempre a sympathia dos Paes da Igreja, em especial Santo Agostinho e São Jeronymo. Alguns interpretam o seu canto IV como cheio de um espirito christão.

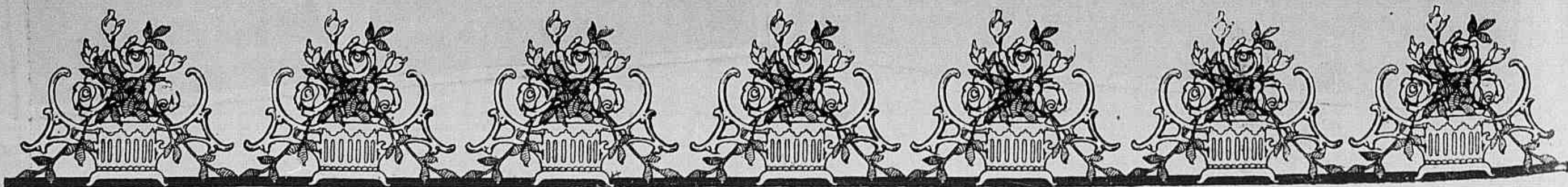
O mais notavel, porém, são as lendas que o povo napolitano teceu em torno de Virgilio. O poeta é convertido em um nigromante e, ao mesmo tempo, em um nume benefico.

As suas lendas contam que o poeta tinha em Posilipo um jardim povoado de plantas maravilhosas, com as quaes curava todas as enfermidades. Perto da porta de Nola, onde estava situada a villa, havia duas mascaras

Outro aspecto do tumulo de Virgilio na gruta de Pozzuoli. O tumulo vê-se em sério perigo actualmente, em virtude da abertura de um tunnel proximo.

que davam a felicidade ou a desgraça aos que entravam na cidade, conforme passavam sob a comica ou sob a tragica.

Nem sempre nas lendas Virgilio era bom. Attribuem-lhe uma historia de amor e de vingança. O vate enamora-se da filha de um imperador de Roma que o engana e delle quer zombar. Para subir aos aposentos da princeza consente em metter-se numa cesta presa a uma corda; mas em meio do caminho a cesta pára e o vate fica o dia todo exposto ao escarneo. A vingança do poeta é terrivel. Extingue-se todo o fogo de Roma e quem quizer accendel-o terá de tocar na filha do imperador. E' preciso que a exponham em uma praça publica, para que todos os cidadãos possam obter o dom do fogo.

Mas Virgilio é, acima de tudo, na imaginação do povo, um Deus protector de Napoles, como um São Januario. Em vida possuia um cavallo e um archeiro ameaçando o Vesuvio com a sua setta; morto, continua vigilante, perto da porta de entrada, disposto a proteger a sua cidade querida.

CARMEN DE BURGOS

OS FUNERAES DO BISPO DE NICTHEROY

A Igreja Catholica vestiu-se de luto com a morte de d. Agostinho Francisco Benassi, primeiro bispo da diocese de Nictheroy, occorrida na quarta-feira transacta no Palacio da Soledade da visinha capital. Prelado de raras virtudes e de solida illustração, d. Agostinho Benassi fôra ha pouco distinguido por S.S. o Papa com o titulo de conde e assistente do solio. Deixando o seu nome ligado indelevelmente á religião, através de

obras pias e de educação a que dedicára a sua extranha actividade, d. Agostinho Benassi teve, até desapparecer, sepultado na cathedral de S. João Baptista de Nictheroy, as homenagens dos fieis, das auctoridades e das corporações religiosas. 1 — S. ex. revma. d. Agostinho Francisco Benassi. 2 — O eminente prelado na capella do Seminario, no dia da sua morte. 3 — A sepultura de d. Agostinho Benassi na cathedral de S. João Baptista de Nictheroy. 4 — A encommendação do corpo do 1.º Bispo de Nictheroy na cathedral dã S. João Baptista. 5 — A exposição do corpo de d. Agostinho Benassi na Cathedral. 6 — O sahimento funebre do Seminario para a Cathedral de Nictheroy.

O QUE UMA FEZ, OUTRA - DESFEZ... -

A Central do Brasil, tão condemnada pelos desserviços que presta, merece tambem os mais justos louvores pelo muito que tem feito e ainda procura fazer. Cortadas pelo seu traçado as communicações do populoso bairro de S. Christovam, o governo deu-se pressa em conjurar o mal, visando o desenvolvimento futuro daquelle bairro — desenvolvimento que se operou de modo notavel e cada vez mais crescente

— e emprehendeu a construcção do viaducto mercê do qual a Central passa por sobre o leito das ruas que conduzem a S. Christovam, deixando livre o transito de vehiculos, outróra tão penosamente feito, mesmo quando o numero de vehiculos estava longe de ser o que é hoje.

A obra, em que se despenderam rios de dinheiro, constituiu um dos grandes serviços prestados á cidade pelo governo, representando um beneficio á commodidade do publico, tão raras vezes attendida.

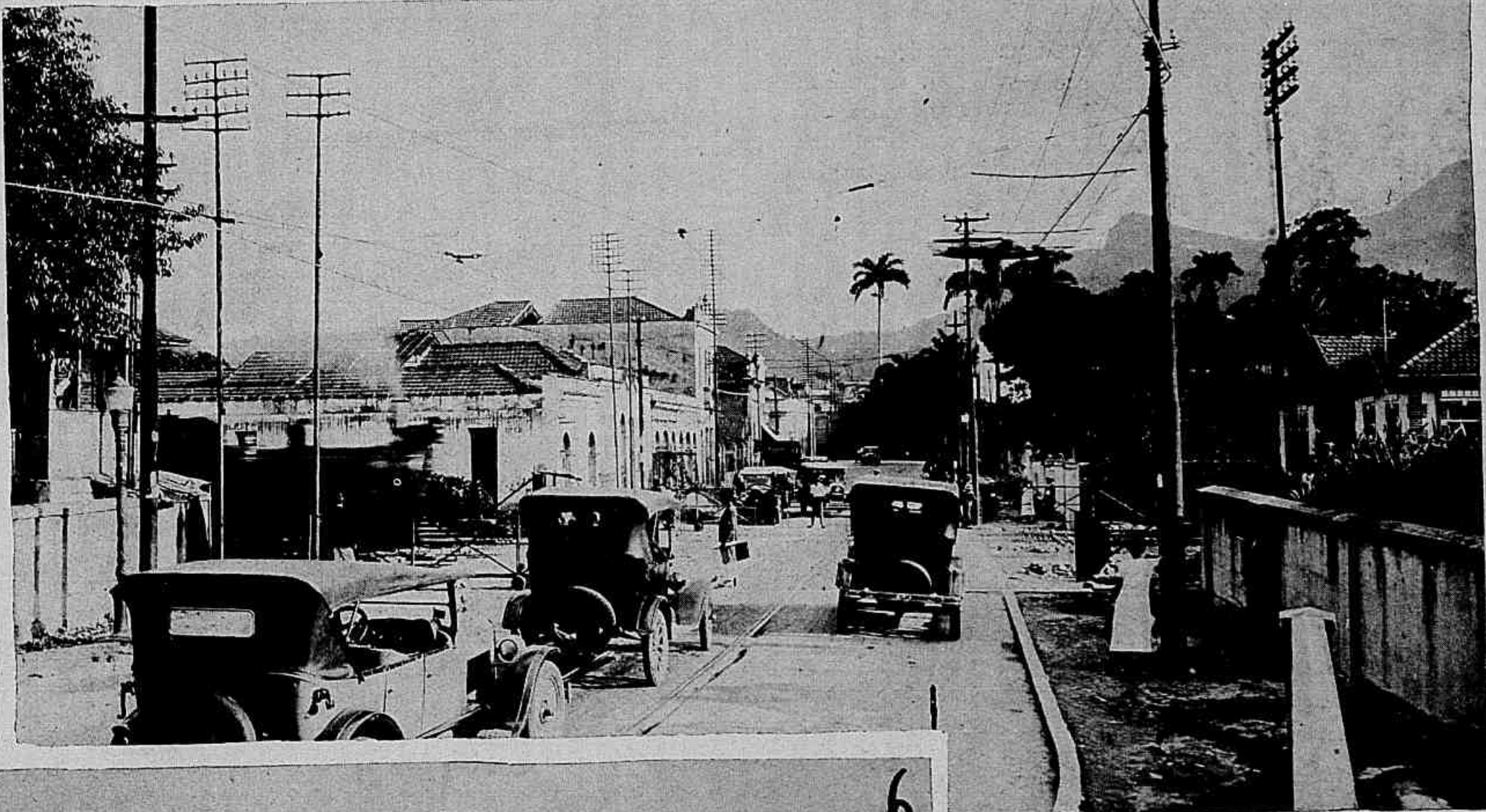
As ruas de S. Christovam e Figueira de Mello offereciam d'ahi por diante, com as providencias governamentaes, livre accesso, se não fôra a Leopoldina Railway, a poderosa companhia extrangeira que timbrou em desfazer tudo o que havia feito a Central do Brasil. A companhia ingleza, augmentando sempre o seu trafego, tornou-se um entrave formidavel ao cada vez mais avultado numero de vehiculos em transito por aquellas ruas. E isso porque a Leopoldina, outróra com estação inicial em S. Francisco Xavier, fôra autorizada a adiantar-se até á Praia Formosa.

Quando o clamor publico mais se fez sentir, a Leopoldina executou uma *providencia* inconcebivel: fechou a rua Figueira de Mello, cortando-a a meio por duas muralhas, para construcção da sua estação inicial, e continuou a trancar a rua de S. Christovam com a passagem dos seus comboios pelo leito dessa via publica. Dest'arte, o bairro de S. Christovam, que se resentia da falta de communicações, acabou por ser privado de uma das suas ruas de accesso e por vêr outra—a mais importante—com o seu transito extraordinariamente accrescido a esbarrar de encontro ás cancellas interruptoras da Leopoldina Railway.

Por que, afinal de contas, tanto esforço pela Central para tamanho descaso e semelhante politica destruidora da Leopoldina?

Esta, ao invés das concessões que lhe foram feitas em detrimento do bem-estar do publico e do progresso do bairro de São Christovam, deveria ter sido forçada á construcção de um elevado como fez a Central ou a baixar as suas linhas, do que temos exemplo na linda estação da Luz, em São Paulo.

Agora é o caso de perguntar-se: estará ou não ainda em tempo uma dessas providencias?

Torna-se necessario um remedio qualquer, uma vez que a Leopoldina nem ao menos cuidou da avenida em que é obrigada a transformar a rua Francisco Eugenio, do canal do Mangue á rua de S. Christovam, e a Light não pretende a collocação de bondes nessa rua senão após o seu alargamento.

O mal que hoje se vê é bem mais intenso do que na época em que a Central se viu obrigada á solução exemplar que tomou; mas a Leopoldina, cujos capitaes não são do governo nem de brasileiros, pleiteia e obtem o direito de não fazer dispendios mesmo quando estes se imponham, e o de fechar, inutilisando-as, ruas da cidade, mesmo que estas representem a vida de bairros da Capital.

As nossas gravuras, que elucidam eloquentemente o abuso da Leopoldina Railway, representam:

1 — O grande viaducto da Central, sob cujas arcadas passa o Canal do Mangue e trafegam bondes e outros vehiculos. Aspecto parcial tirado junto da estação de Lauro Muller. 2 — O viaducto da Central passando sobre a rua Figueira de Mello. Ao fundo, o muro com que a Leopoldina fechou essa rua ao transito publico. 3 — A rua Figueira de Mello fechada pela Leopoldina. Perspectiva tirada da rua de S. Christovam na direcção do outro trecho fraccionado. 4 — O viaducto da Central sobre a rua de S. Christovam, deixando que se veja bem claramente o serviço prestado ao transito. 5 — A mesma rua de S. Chistovam obstruida pela passagem dos trens da Leopoldina, que inutilizou de um certo modo o esforço feito com exito pela Central para desobstruil-a. 6 — Mais um attestado do esforço da Central: a passagem elevada, para vehiculos, entre as estações de Mangueira e S. Francisco Xavier.

ANNUNCIAM os jornaes, sem tarja, decretada pelo poder municipal, a morte do botequim do Passeio Publico. Com elle desapparece talvez o mais antigo ponto de recreio popular carioca. Acostumem-se os pobres só ao alto das Favellas, ás casinholas de folha de flandres, alumiadas a velas de sebo.

Quando os homens envelhecem o tempo n'elles poupa, em geral, trabalho á morte. Resume-lhes o corpo para a cova, dando n'esta sóbra ao cadaver.

Tambem os sitios decaem. Envelhentando o Passeio Publico, agora o diminuem, com rapidez, e já podemos suppol-o desapparecido. Pouco importa que a tradição d'elle remonte bem acima na historia da cidade.

No seculo XVIII, no vice-reinado de d. Luiz de Vasconcellos e Souza uma lagôa enlodava o Boqueirão do Passeio, nas cercanias do convento das Clarissas, fabricantes de doces famosos.

Visinhava a lagôa com o mar, elle sem peias, a linha de espumas em buliçosa franja ás areias; ella presa entre margens, limo sobre aguas verde-paradas, coaxantes á noite sapos e pererecas.

Do cimo da omnipotencia de terra e mar, valiosa em todo o Estado do Brasil quanto mais no ambito da cidade, o capitão-general entendeu seccar o charco.

Mandou prender vadios, deu-lhes casa e comida, mas na ilha das Cobras, incumbindo-os de aterrar.

Quatro annos lá ficaram, de braço e suór. Morreu a lagôa, em 1783, nasceu um jardim, o Passeio Publico, para gozo e refrigerio da multidão, de novidade na capital que, pelas rotulas, representava um pouco de Oriente.

Suciou o povo onde os vadios tinham trabalhado; buscou o jardim sobretudo no verão, após a tarde, para mexericar, espairecer, namorar, antes e depois do sahir da lua em reflexos no oceano, de clarão sobre as montanhas.

Tinha o sitio nome expressivo no seculo XVIII: Bellas Noites. Não foi porém o jardim só arvores, moitas e sombras, semeou-o de arte colonial o vice-rei.

Chamou Valentim da Fonseca, artista já celebre no adornar igreja, para enfeitador de natureza.

Uma cascata cantou em cima de pedras, a agua gotejada dos bicos de passarinhos de bronze, golfada das boccas de dous jacarés em bolo, espraida n'um tanque sombrio a cortinas de verdura.

Atrás da cascata, no paredão, pompearam as armas do vice-rei, o futuro conde de Figueiró. Mais em cima, ainda obra de Valentim, o mineiro, um menino de marmore, de vago sorriso, suspendeu um kagado de cabeça para baixo, e a bocca do chelonio atirava agua n'um barril saxeo.

Velava a nudez estatuaria e infantil uma faixa com o popularissimo distico: sou util mesmo brincando.

A varanda era de attractivos sobre mythologia. No parapeito alvinitavam vasos de marmore e o busto de Phebo.

Mercurio e Apollo, em estatua, protegiam os dous pavilhões dos extremos do terraço, pavilhões que o Xavier ornamentista ataviára brasileiramente a poder de combinações de pennas, escamas e conchas; emquanto Leandro Joaquim, a pincel, os realçava com quadros e scenas da vida nacional.

Luiz de Vasconcellos partiu; na vice-reinancia dos successores o Passeio foi desamparo e tristeza, sumidas ou decahidas obras, objectos de arte, alamedas. Nem mais um passaro de bronze gotejou agua na cascata. Ficaram os jacarés, não cabiam no bolso.

Chegou a familia bragantina ao Brasil, veiu dar-lhe o lustre de reino. Sahindo ella de Lisbôa, Portugal ficou ás avessas no Rio de Janeiro.

Nada lucrou o Passeio. O mar malhando no terraço quasi o arrebatou depois de arrebental-o ao compasso das ondas. Ruiram os pavilhões, o luzir das picaretas precipitou e misturou no pó as pennas, as escamas, as conchas do sargento Xavier, aos pedaços as pinturas de Leandro Joaquim.

O palco do botequim do Passeio.

D. João VI chegou, reinou e partiu como Cesar viéra, vira e vencera. O filho, promovido de principe regente a imperador, não cuidou do Passeio.

Continuou este desprotegido, tristonho, a hera a crescer sem trato sobre as duas pyramides de beira riacho: *O Amor do Publico* e *A Saudade do Rio*.

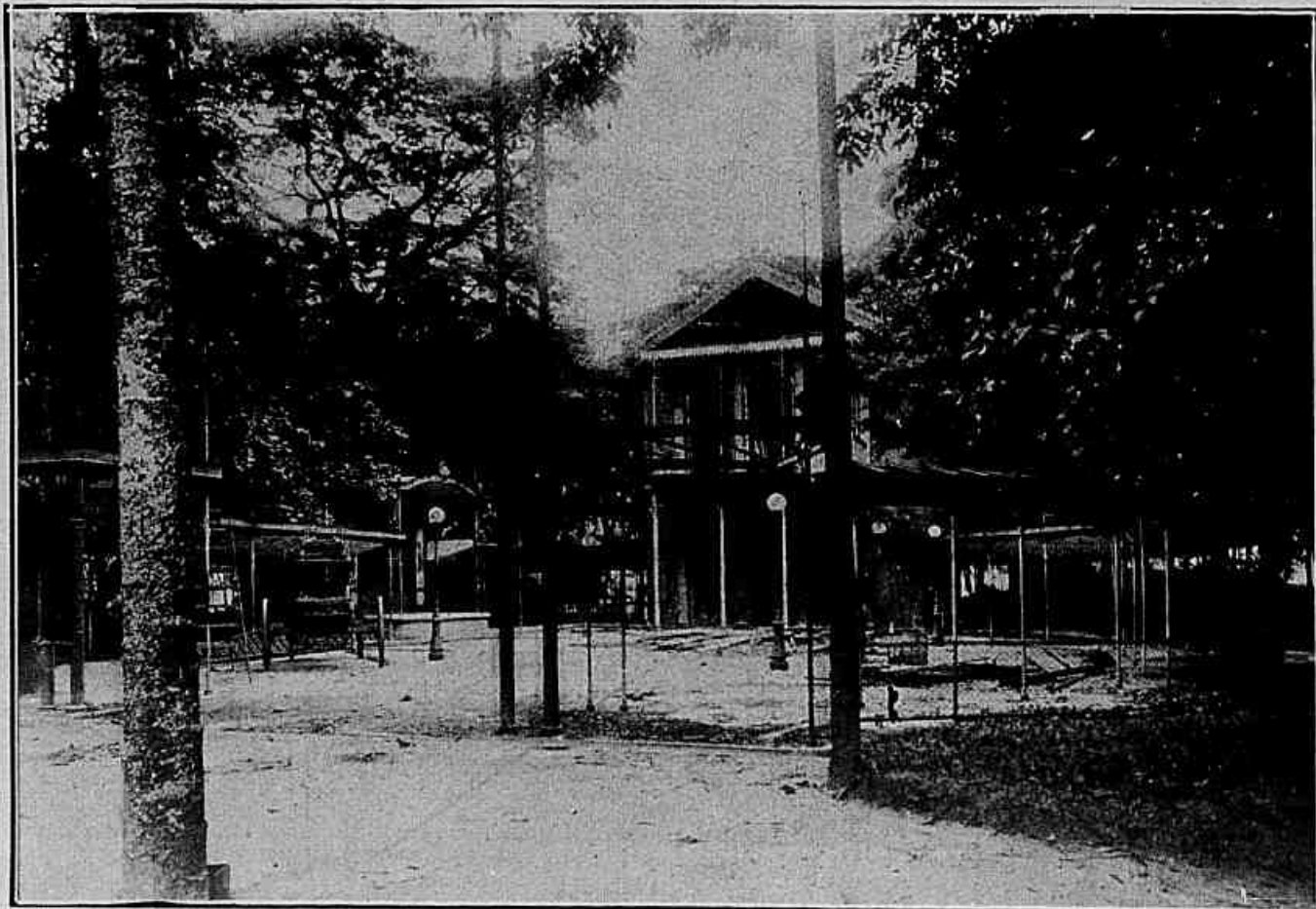
A Regencia, ensaio de republica com recurso para a monarchia, periodo agoniado de guerras civis sobre algumas das quaes D. Pedro II derramaria o balsamo da amnistia, teve apezar de lutas um pouco de olhos para o Passeio Publico.

D'elle furtaram então o menino de marmore do terraço, substituido por outro, de chumbo. A pedra não córa porque o metal lhe faz as vezes.

Acabou a Regencia ao impeto de revolução parlamentar na qual as vozes foram as unicas armas.

Decahiu de novo o Passeio, voltou a silencio e descuido, folhas seccas nas alamedas, estalando ao passo do transeunte solitario, farfalhantes ao azougado correr dos lagartos.

Quando o gaz, a esforços de Mauá, doirou as noites do Rio de Janeiro lhe levaram a luz até o Passeio Publico semi-deserto, no vasio triste da Lapa já chamada melancolicamente do Desterro. Tempos após a Maioridade ficou o Passeio a cargo de um naturalista, Luiz Riedel, morador na quinta da Joanna, apontada por quartel-general da facção aulica, o grupo palaciano accusado de tutelar em demasia D. Pedro II adolescente, no ensaio prematuro do officio de reinar.

Alguns trabalhadores cumpriam as ordens de Riedel emquanto dous soldados veteranos guardavam o portão, revezando-se ou conversando de feitos obscuros na gloria de antigos combates. Esperavam morte em velhice remunerada, á sombra do portão. N'elle, n'um medalhão, tinham gravado as effigies de D. Maria I e D. Pedro III, de perfil, solemnes, unindo conjugalmente grandes cabelleiras alli empoadas a oiro.

Em 1860 acudio ao governo a idéa de arrendar o Passeio Publico, posto sob a jurisdição a principio de Ministerio do Imperio, depois ás ordens da Agricultura.

Arrendou um notario, homem de sociedade e de espirito, não raro mordaz, o tabellião Francisco José Fialho. Passou procuração, com plenos poderes para tratar de plantas, a um botanico francez patricio de Riedel, a Augusto Maria Glaziou, o futuro creador do parque do Campo de Santa Anna, e remodelador da Quinta da Bôa Vista.

Ressuscitou logo o Passeio, alegrou-o com taboleiros de grama nova, com o gracioso das pontes rusticas, com o movimento de animaes no jardim, com tudo quanto em flóra e fauna é vida e alegria em jardim mimado.

Durante muitos annos morou Glaziou no Passeio, n'um chalet suisso, de costas para a igreja do convento da Lapa do Desterro. Botanico e amigo da natureza, enthusiasta da brasileira, podia contemplar a toda a hora o páo ferro, rijo ao cupim, o sandalo recordando India, o jequitibá, o sumptuoso das florestas.

Nem faltavam ao Passeio as voltas de um ribeiro em cujas aguas medidas os cysnes brancos e pretos passavam em majestade pelas margens onde os gansos e os irerês catavam pennas.

Um peixe-boi, celebre no Rio de Janeiro, alvo de bôa porção de pilherias e ao que parece morto por maldade, attrahio por muito tempo nas aguas do Passeio a curiosidade publica. Fôra dadiva de um soldado que curava a guerra fratricida com a paz da familia brasileira: Caxias.

No Passeio do segundo reinado havia á noite um attractivo, o botequim. Tinham procurado conceder-lhe longes de architectura, ornal-o com um peristilo formado por columnas corinthias, dando entrada para uma sala, talvez a do nosso primeiro bar, pelos espelhos, pelas armações, pelas estatuetas, pelo balcão branco corrido a frisos doirados.

Defronte do botequim dispuzeram praçazinha cheia de mesas e cadeiras de ferro, com a vantagem das deslocações promptas, a gosto dos freguezes ou por exigencia do concurso popular.

Ao lado do botequim levantaram coreto ao qual, sobretudo aos domingos, subia a banda allemã. Muito correu ella o Rio de Janeiro e foi d'elle corrida pela Conflagração, que lhe dispersou os musicos reclamando-os para a musica mortal se monotona das batalhas.

Annos e annos o botequim do Passeio, mormente no Imperio, foi sobremaneira apreciado pela massa popular. Ahi encontrava o refresco modico, a cerveja barata, gratis a musica, da valsa lenta ao tango requebrado.

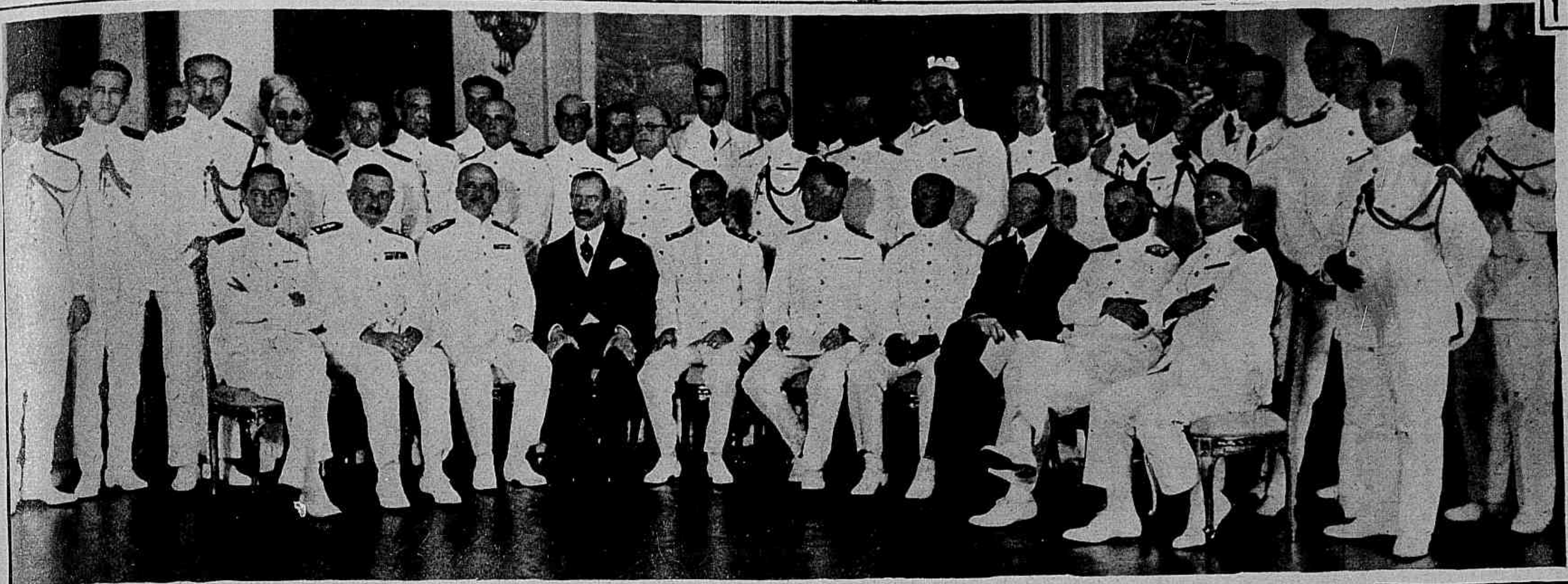
Aos domingos o botequim não desenchia: mesa desoccupada, mesa occupada. A gente modesta podia recreiar-se em tempos cuja felicidade publica consistia em pensar confiante no futuro.

Os palmipedes já estavam deitados, desde o cahir do crepusculo, a agua corria sem elles, aqui mais clara, alli mais escura, n'uma clareira, debaixo de uma ponte.

Certo arrendatario do botequim improvisou um palco e n'elle começaram a cantar ou esguelar-se cançonetistas de ambos os sexos, a apparecer concertistas sem farofia, violeiros e serenateiros, para maior descanço da banda allemã e gaudio do auditorio popular. Alguns cantores do Passeio acabaram, dizem, em scenas lyricas ou de revistas.

Assim foi o botequim lustros e lustros, assim não será mais. Some-se o antigo rival do jardim da Guarda Velha. Não pereça ao menos sem uma pagina de recordação genuinamente bairrista. E diante das perdas e damnos da cidade seja licito pergunta ingenua: ainda haverá cariocas ou estão todos cégos?

Aspecto geral do botequim do Passeio.

Figuras e Factos

1 — No Club Naval: grupo de pessôas que tomaram parte no almoço offerecido pela Marinha Brasileira ao commandante e officialidade do cruzador inglez *Capetown*. Sentado ao centro do grupo sir Beilby Alston, embaixador da Inglaterra, tendo á direita os almirantes Penido, chefe do Escado-Maior da Armada, e Mac Culley, chefe da Missão Naval Americana, e á esquerda, os srs. almirante Pinto da Luz, ministro da Marinha, e o commandante do *Capetown*. 2 — O illustre compositor nicaraguense, maestro Luis A. Delgadillo, entre os artistas brasileiros que tomaram parte na festa de arte organizada em beneficio do «Ninho de Luz», abrigo infantil da «Pro-Matre». O brilhante organizador do festival tem á esquerda a senhora Anna Amelia Q. Carneiro de Mendonça, o dr. Bento Martins e o regente da banda da Policia Militar, e á direita as senhorinhas Gilda Abreu e Laura Margarida de Queiroz e senhores Alvaro Moreyra e Oscar Borgerth. 3 — A visita do sr. ministro da Guerra á Cruz Vermelha Brasileira. Na gravura, s. ex. tem á direita o general Rondon e á esquerda o marechal dr. Ferreira do Amaral, presidente

da Cruz Vermelha Brasileira, e o general dr. Ivo Soares, chefe do Corpo de Saúde do Exercito. 4 — Senhoras e senhorinhas presentes ao chá-dansante realizado no Centro Paulista em commemoração do 373º anniversario da fundação da cidade de S. Paulo.

AS CEREBRAES

POR JOÃO LUSO

A impressionante senhora, cujos olhos, de tã › largos e profundos, davam ideia de oceanos de luz, declarou, com excelsa generosidade, que tinha muito gosto em me conhecer. Destas apresentações classicas e accidentaes: a dona da casa, reparando que duas pessôas em conversa com ella, se não dirigem uma á outra, lança os nomes respectivos, com um gesto para cá, outro para lá — e passa adiante, a animar e relacionar outros convidados... Cumpre então ao cavalheiro apresentado dirigir á dama qualquer reflexão, bastante vulgar, para não levantar qualquer suspeita de vaidade ou pedantismo, bastante interessante para, com ella, se entabolar a conversação — e isso, eu o sabia, desde creança; o que não sabia era a que respeito, sobre que assumpto, a proposito de que objecto havia de compor a phrase sacramental. Os olhos da dama, immensos e luminosos como dois céos, positivamente me perturbavam. Todos os motivos de colloquio no momento aproveitaveis me pareceram indignos da sua attenção. A sua figura tinha qualquer coisa de superior e exigente, que tornava infimo quanto eu lhe pudesse offerecer... Toda a sua pessoa se revestia de sublimidade. Era bem uma creatura deste mundo e destes tempos, mas com um ar, um envolvimento, uma irradiação extranha, maravilhosa. E eu quanto mais a olhava mais a admirava — e menos tinha que lhe dizer.

Felizmente, a dama de olhos cheios de azul e cheios de sol não esperou muito tempo que eu cumprisse o protocolo das apresentações. Com um gesto que em outra seria quasi familiar, indicou-me a cadeira ao lado do canapé; pousou o seu leve corpo sobre um idyllio de Aubusson e, puxando para os joelhos a orla do vestido que subíra um pouco de mais, interrogou-me:

— O senhor escreve, não?

Abanei a mão espalmada, para significar: "pouco mais ou menos, assim assim"; e, com immenso allivio por poder finalmente dizer-lhe alguma coisa, preguntei:

— E V. Ex., minha senhora?

Como se uma creatura daquellas fosse susceptivel de hesitar, pareceu-me, palavra de honra, que a dama de olhos infinitos hesitava!

— Isto é... — explicou ella, como para ganhar tempo — não no sentido rigorosamente litterario. Nem escrevo para publicar... pelo menos por emquanto. Redijo as minhas notas, registo as minhas observações, coordeno e organizo os resultados dos meus estudos... Talvez mais tarde dê um livro, quem sabe? Actualmente, porém, não penso nisso. E, em verdade, mal me chega o tempo para o emprehendimento que me apaixona, me absorve... — O semblante illuminou-se com mais esplendor, os olhos dardejaram jubilo — e que eu estou prestes a levar a cabo.

Notas, observações, coordenação de resultados... Não podia haver duvida: a senhora, que nos olhos condensava todas as fascinações da terra e do céo, cultivava a grande sciencia, a sciencia que, do fundo dum gabinete, attinge, revolve e revela a infinidade dos mundos. Uma astronoma, talvez, que, como o surprehendente Leverrier, ia adivinhar um planeta ainda invisivel... Ou uma subtil manipuladora de substancias, capaz de nos fornecer, para a proxima guerra, qualquer coisa como a dynamite silenciosa, os gazes ressuscitantes... Ou uma engenheira, ou uma bacteriologista... Esta ultima hypothese, francamente, era a que menos me agradava. E foi até com certo receio, pensando em microbios, sôros e outras mixordias, que lhe preguntei:

— E que emprehendimento, minha senhora? Posso ter a honra de saber?

Sem nenhuma hesitação desta vez, a sobrehumana creatura respondeu:

— Perfeitamente. Trata-se dum telefone de minha invenção... — Percebendo, porém, no meu rosto qualquer decepção ou desengano, em todo o caso uma impressão menos admirativa, apressou-se a acrescentar: — Um telefone do pensamento. E o alvoroço do meu semblante sem duvida a satisfez, porque proseguiu, com desenvoltura e segurança: — A ideia foi me sugerida

pelo ultimo romance de Wells. *O Sr*... não me lembra assim, de repente, o nome... emfim, *O Sr. Fulano entre os Homens-deuses.*

— Tambem li, minha senhora...

— Pois bem, aquella condição super-educada, ultra-civilizada, graças á qual os homens confabulam sem articular uma palavra e sem que aos seus ouvidos chegue o mais leve som — vou eu realizal-a, com o meu aparelho em via de conclusão. O telefone que descobri, e do qual iniciei já, com o melhor resultado, as experiencias praticas, estabelece, a qualquer distancia, o dialogo das ideias e dos sentimentos. E' o principio da telepathia concretizado num aparelho — aparelho bastante complexo, de manejo um tanto difficil a principio, mas ao qual, com o tempo, toda a gente se ha de habituar. Alem disso, certamente conseguirei, mais tarde, modifical-o, reduzindo-o, simplificando-o... E talvez até o possa, por completo, suprimir! — Na minha physionomia passou outra rajada de surpreza, que a transcendente senhora notou e não deixou de gosar.

— Dei ao meu invento uma fórma aproximada do telefone, para o tornar mais insinuante e commodo de manejar. Todas as pessoas acostumadas ao antigo systema estarão meio preparadas para este. O resto é uma questão de forças magneticas, arremessadas e orientadas, com vehemencia e precisão, através do espaço. O senhor instala-se ao aparelho, pensa numa certa pessôa, nas coisas que lhe quer dizer: o seu pensamento, impellido exactamente como a vibração electrica através das ondas hertzianas, chega ao exacto destino; e estabelece-se a correspondencia mental, trava-se o dialogo das almas. Como em presença um do outro e como se deveras se fallassem, os dois seres se entendem perfeitamente — porque eu dispensei a palavra e annullei as distancias. Como vê, é uma coisa facil.

— Realmente, minha senhora... concordei, succumbido : — Nada mais facil !

A prodigiosa dama sorriu, contente commigo, e observou ainda:

— O senhor ha de concordar que o tempo da mulher simplesmente letrada, meramente intellectual passou. Sem já fallar da época em que as escriptoras, á imitação do Sr. de Buffon e dos seus punhos de renda, só sabiam trabalhar em grande *toilette*; sem fallar das pensadoras e eruditas que, mais tarde, acharam necessario vestir-se de homem para produzir... e fazer-se tomar a sério — a mentalidade feminina evoluiu no sentido dos grandes commettimentos, das grandes realizações. Não nos bastam hoje romances, nem poemas, nem peças, nem conferencias... Queremos innovar, inventar, crear, dar ao mundo poderes novos e novas maravilhas. Mme. Curie abriu o caminho, por elle temos que seguir, e ir adiante, e chegar mais longe... Eis a mulher de hoje: um cerebro cheio de inspiração, fremente de ambição, e inflammado de gloria !

Respeitei o momento ditosissimo que a dama atravessava; mas, assim que me pareceu opportuno, indaguei :

— Mas fallou V. Ex., ha pouco, de experiencias que deram resultado satisfatorio. Experiencias realizadas entre V. Ex. e ?...

— E outra pessoa. Repetida, insistentemente. Depois, encontrando-nos e conferindo, de viva voz, os detalhes do colloquio, verificámos que tudo concorda, na perfeição. E essa pessoa...

— Um homem, naturalmente !

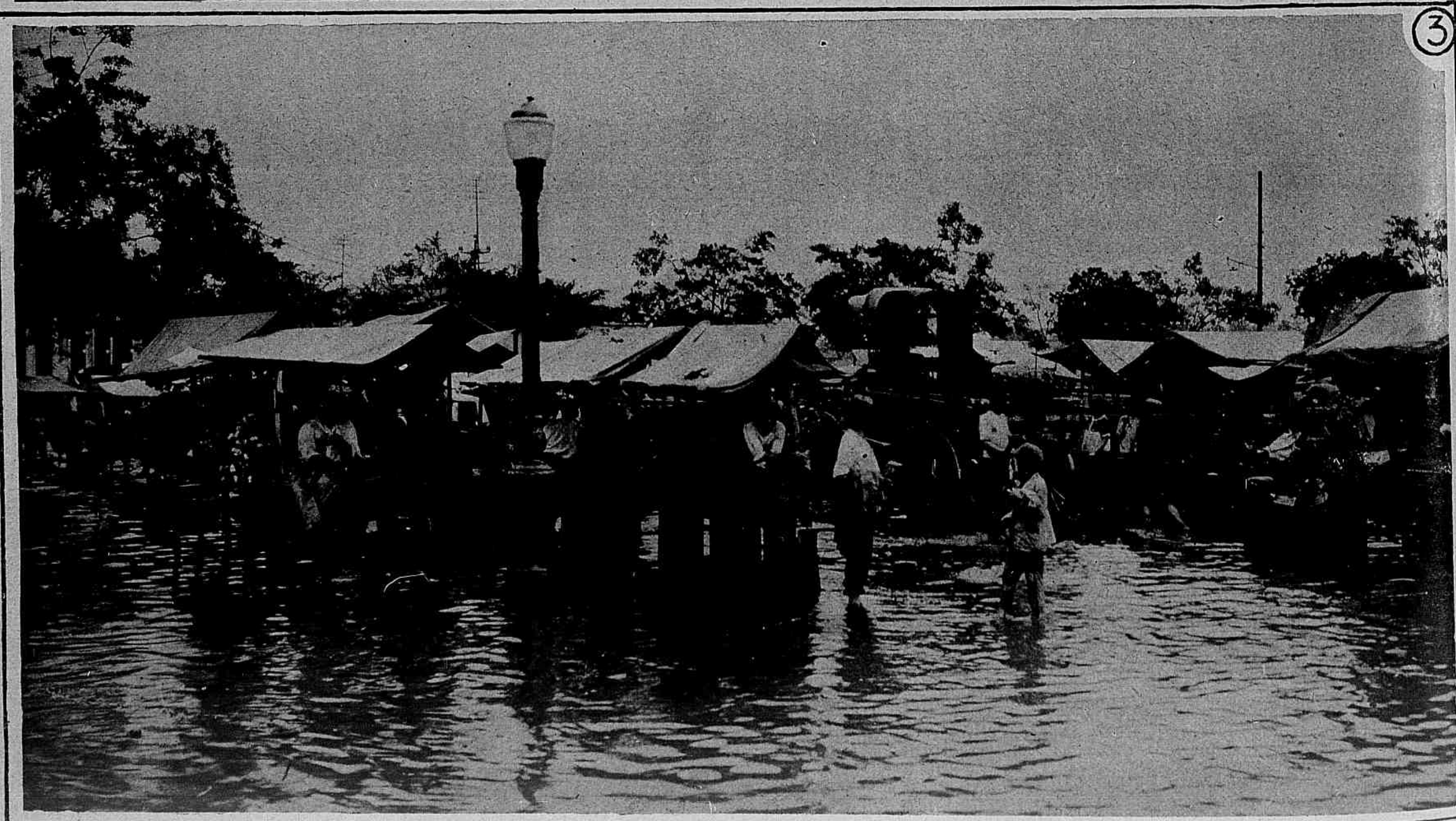
A dama de olhos milagrosos sorriu como as deusas sorriem, e rematou :

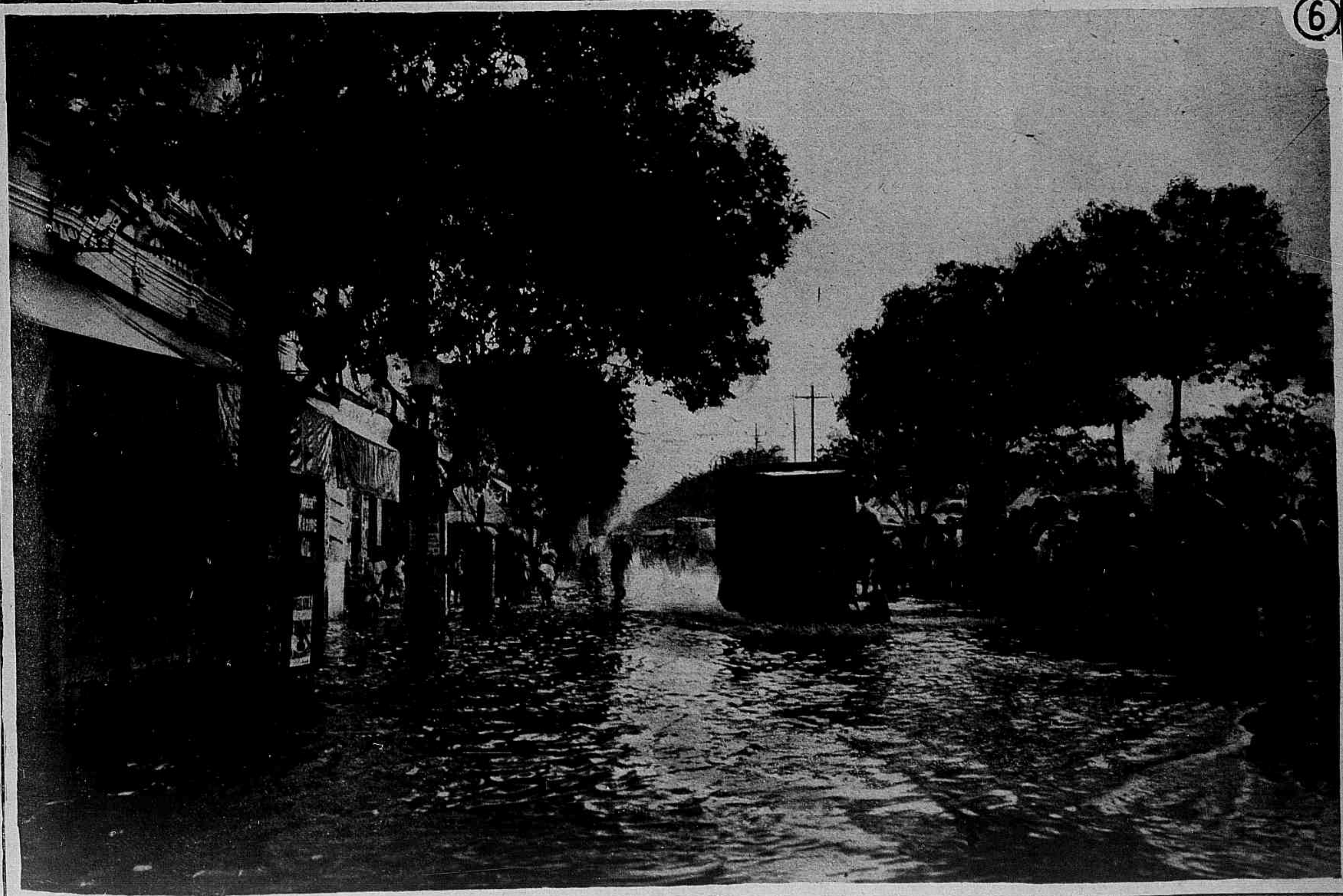
— Talvez. Mas não seja indiscreto.

(Photos da «Fox-Film», «Universal» e «Paramount»).

O ETERNO MAL IRREMEDIAVEL...

④

⑤

O espectaculo que a nossa Capital offereceu á manhã e pelo dia todo do ultimo sabbado nem por ser communissimo deixou de ser edificante. O Rio amanheceu, na sua zona mais central e em innumeros arrabaldes, debaixo d'agua. Qualquer chuva passageira é sufficiente para o descredito das rêdes de escoamento e traçados dos logradouros; a do sabbado ultimo, dotada de certa violencia, determinou a inundação quasi geral. Para que pudessemos dar aqui aspectos bastantes do que foi essa inundação — que é o eterno mal carioca, até hoje sem remedio... — ser-nos-ia necessaria uma reproducção photographica de quasi toda a cidade. Damos, na impossibilidade de uma reportagem completa, alguns aspectos interessantes: 1 — A rua dos Invalidos coberta de agua. 2 — A rua do Senado, no cruzamento com a do Lavradio, na manhã do diluvio... 3 — Um interessante aspecto da feira livre na praça da Bandeira, com as barracas ilhadas pela enchente. 4 — A rua da Constituição inteiramente alagada. 5 — Outro aspecto da praça da Bandeira, em o qual se vê um popular, á falta de inspector de vehiculos, dirigindo o transito. 6 — Nova visão da praça da Bandeira inundada e perspectiva da rua Mariz e Barros. Como se vê as aguas invadiram as casas do local. Em bem da verdade, a elevação do nivel da praça não permitte que as aguas attinjam o inacreditavel nivel de outr'ora.

⑥

Ciume de Deusa

UM riso ecoou bem alto no silencio modorrento daquelle recanto de museu. Um riso claro, sonoro, irreverente, verdadeiro riso de mocidade.

Era por uma pardacenta segunda-feira de Novembro e não havia quasi ninguem, naquella manhã, pelas salas desertadas do velho Louvre. Lá fóra ia adiantado o outomno.

O arvoredo despojado aconchegava arripiadamente o esqueleto de seu galhame sob a grisalha pennugenta de um céo baixo e carregado, um céo de inverno já.

O guarda, ainda somnolento, que bocejava no tamborete, voltou-se para ver quem podia rir daquella maneira no socego de hypogeu da sala vasia.

Elle ou ella?...

Era um casal de moços, estrangeiros evidentemente, um destes innumeraveis casaes que via diariamente desfilar deante da estatua egregia, um casal de *touristes*.

Desviou os olhos, desinteressado. O riso, porém, repetiu-se tão communicativo e tão vibrante que o homem teve o esboço de um sorriso na face engelhada de displicencia.

— Um par de namorados, — pensou levantando um hombro, experiente — tudo os diverte.

Um casal de noivos, com effeito. Casados não havia dois mezes, realisavam numa verdadeira ebriez de passaros soltos o que havia sido o mais acariciado projecto do seu longo noivado: a viagem de nupcias numa volta á Europa. Tinham vindo directamente a Paris, embarcando oito dias depois da festa do casamento, e ali estavam, aconchegados num pequeno hotel familiar onde quasi não pousavam senão para dormir, perdidos na multidão, inebriadamente entregues á divina novidade de serem um do outro e de terem como scenario ás intimidades de sua exaltação sentimental o quadro incomparavel da grande cidade, tumultuante e acolhedora, na qual mais delicioso se lhes afigurava o amoroso isolamento.

Haviam feito um casamento de amor. De um encontro occasional na sala de espera de um cinema, por uma destas fulminantes revelações de sympathia que, em segundos, decidem de um destino, lhes viera a doçura sem par daquelle affecto que para sempre, afinal, os unira. Não fôra sem luta. A familia delle, bem posta na sociedade e exigente, retrahira-se numa negativa de desdenhosa opposição ante a modestia da noiva, de nome obscuro e meio acanhado, não tendo como dote senão a lindeza de dois grandes olhos castanhos illuminando a graça travessa de uns ingenuos vinte annos. O rapaz obstinara-se, porém, acirrando-lhe a opposição o carinho contrariado. Alma de artista em procura de um ideal, soubera adivinhar, através a timidez da apparencia e a deficiencia de educação, a vibratilidade de um espirito comprehensivo e de uma delicada sensibilidade, e soubera enternecidamente ser o iniciador daquella intelligencia no mundo luminoso da arte como o seria desse coração no mundo palpitante do amor. Se gostara della, a principio, porque lhe parecera bonita, acabara amando-a pelo que de fino e intelligente lhe descobrira no espirito capaz de lhe compartir os arroubos de artista e entender as finuras de intellectual. Realisado o casamento, seu primeiro cuidado fôra subtrahir a mulher á latente hostilidade do ambiente familiar e levara-a para Paris, esse Paris alliciador e fascinante, patria ideal de todas as suas emoções artisticas. O que ella, como elle, não conhecia de leitura, ensinar-lh'o-ia ao vivo por assim dizer.

E ali estavam, naquellas peregrinações enlevadas a museus e pinacothecas, mesclando á realidade ephemera mas embriagadora do proprio sonho o sonho eterno de arte realisado de todas aquellas maravilhas.

— Então, sempre tiveste paixão pela Venus de Milo? — insistiu ella, não se vexando, desde que se achavam a sós pois o guarda não se podia realmente chamar alguem, de brincalhonamente lhe encostar ao hombro a enamorada cabeça.

— Sempre — respondeu o rapaz com extranha gravidade, os olhos fitos no alto vulto da deusa que se erigia em brancura, como jorrado da móle atarracada do pedestal — realisou desde sempre para mim a suprema expressão da belleza humana. Repara as harmoniosas proporções desta pequena cabeça tão divinamente modelada!... Nota-lhe a nobreza do porte, a maravilhosa juventude do busto, o garbo a um tempo solemne e gracioso do corpo perfeito... Como é bella!... Sabes que cheguei a sonhar com ella quando adolescente?... E' agora que a vejo face a face e tenho a dita de lhe contemplar os traços augustos é que melhor comprehendo o que ha de sobrehumano na sua immortal formosura.

— Mas não tem braços, Armando!...

— Que importa! Os braços ausentes ainda ficam mais bellos por serem invisiveis... A gente não os vê, mas sente-os, adivinha-lhes as linhas purissimas, cria-os... Como é bella!... Que serenidade na correcção incomparavel deste perfil!.. Que doce majestade!... Olha, querida, olha e admira... Não me posso deixar de relembrar as palavras famosas de Saint-Victor saudando a Deusa esplendorosa:

"Bemdito seja o camponez grego cuja enxada exhumou a deusa enterrada ha dois mil annos num campo de trigo! Graças a elle a ideia de Belleza se alçou a um grão sublime: o mundo plastico reencontrou a sua rainha. Terá jamais o olhar humano abarcado fórma mais perfeita?... A belleza escorre dessa divina cabeça espalhando-se sobre o corpo á feição de uma claridade... Oh! Deusa, tu não appareceste senão um instante no esplendor de tua verdade, e hoje nos é dado contemplar esta luz Tua resplandecente imagem nos revela o Eden da Grecia quando, ao primeiro sol da arte, o homem tirava os deuses dos flancos da materia adormecida. De que avenida de seculos vens a nós, ó joven soberana?! Para cantar-te seria precisa a lyra de trez cordas que Orpheu, com religiosa gravidade, fazia resôar nos valles do mundo nascente...".

O rapaz terminou a citação quasi em voz alta, num arrebatamento de irresistivel enthusiasmo. Os olhos fixos na Venus, a cabeça erguida para ella num embevecimento de extase, puzera insensivelmente as mãos como para a vassalagem de uma adoração. A mulher não olhava, no emtanto, a estatua olympica, olhava-o a elle, tão bello de mocidade e de fervor na transfiguração da sua paixão artistica. Diante do clarão em que se incendiavam os olhos escuros, uns olhos bem brasileiros pelo negrume e pela meiguice, qualquer cousa de obscuramente indefinido se lhe agitou no fundo do peito.

— Nem para uma estatua consinto que olhes desse modo, diante de mim! — declarou tapando-lhe vivamente com a mão os olhos illuminados. E como, entre surpreso e divertido, elle se voltasse para ella á cata de uma explicação:

— Não gosto desta Venus — continuou com volubilidade para disfarçar a emoção inexplicavel — é orgulhosa e solemne. Solemne e massiça. Sente-se demasiado que é de marmore. Prefiro-lhe a Diana... Tem mais vida, mais humanidade, comprehendo-a melhor... Esta esmaga-me com o peso da sua perfeição... Está convencida... demais da sua belleza... Humilha. E, todavia, nem por pairar assim tão altaneira deixa de ser Venus...

— Mas esta Venus, ó mulherzinha bem mulher, — respondeu elle rindo ao inesperado desta sortida — ouve ainda uma vez Saint-Victor: *"esta Venus não é a frivola Cypris de Anacreonte e de Ovidio, essa que induz o Amor aos ardis eroticos e á qual se immola passaros lascivos. E' a Venus Celeste, a Venus Victoriosa sempre desejada, nunca possuida, absoluta como a vida, da qual o fogo central lhe reside no seio, invencivel como a attracção dos sexos a que preside, casta como a Eterna Belleza que personifica..."*.

— Póde ser tudo quanto quizeres... Mas a verdade é que antipathiso com ella!... Acho-lhe mesmo um ar máo... Sim, máo — repetiu lançando ao marmore impassivel um olhar de rancoroso temor — Olha, assim... deste lado... Não se diria que está olhando tambem com uma especie de desprezo e de ameaça?...

— Saint-Victor, effectivamente...

— Deixa o Saint-Victor em paz, meu pedante, — interrompeu com maliciosa ternura, dependurando-se-lhe ao braço — e vamo-nos embora! Está aqui um frio!... Esta Venus de Milo me enregela positivamente... Chego a ter-lhe medo!

E, fazendo ouvir de novo o seu bello riso sonoro, arrastava o marido para os lados da sahida. Armando cedeu, sorrindo; mas, como ao sahir, se voltasse ainda a meio para a Deusa, tão branca e tão bella no sereno orgulho de sua solidão, a mulher, por uma ultima e alegre creancice, parou de subito.

— Armando — murmurou chegando-se muito a elle, pondo-lhe mesmo debaixo dos olhos o malicioso rostinho onde as largas pupillas douradas se enlangueciam numa irresistivel caricia — desde que a achas tão bella assim, entre ella e eu quem escolherias?..."

O rapaz fitou um momento o puro semblante, abrazado de paixão, o appello fremente daquelle olhar, a tentação daquelle vermelho sorriso, toda aquella graça de mocidade e de ternura que se lhe offertava assim num abandono de desafio e de sinceridade. Uma emoção o sublevou e sem siquer voltar-se para a Venus vencida:

— A ti, naturalmente, amor, és muito mais bonita do que ella... — ciciou-lhe ao ouvido, apertando impetuosamente de encontro ao peito o braço suspenso do delle.

. . . .

Na noite daquelle dia, depois do jantar, como fossem tomar o elevador para subir ao quarto, toparam no hall com o dr. Bento Nogueira, um ex-consul aposentado que vivia de suas rendas nesse Paris de perdição. Era um solteirão educado e culto que passava por original, muito amigo da familia de Armando.

— Então não sáe mais hoje, d. Sylvia?... — indagou com a sua familiaridade de amigo velho.

— Não, — replicou a moça — o Armando não quer. Tive uma vertigem ao voltar hoje do Louvre onde fui ver meu marido namorar a Venus de Milo, preciso de repouso.

— Namorar a Venus?... E a senhora deixou?... Olhe que Armando é bonito e as deusas não raro se apaixonavam pelos mortaes...

— Oh! não ha perigo — replicou ella rindo maliciosamente para o marido — Armando foi muito amavel, disse-me que me achava mais bonita do que ella!

— Disse isso diante da Venus?... Que imprudencia!... As deusas são vaidosas como as mulheres e ás vezes, por ciume, vingam-se...

— Não tenho medo, sei que elle sempre havia de preferir-me!!... Sou de carne e osso...

. . . .

Sete mezes depois, indo ao consulado procurar correspondencia o commendador Bento Nogueira encontrava-se com o Antoninho Prestes, recem-chegado do Rio de Janeiro.

— Bons olhos o vejam, commendador! ... Ha quanto tempo!

— E' verdade! Os annos vão-se passando e eu cada vez mais sem animo de deixar o meu Paris... Mas que novidades traz da nossa bella terra?...

— Nenhuma. Tudo na mesma... a velha politica, a velha maledicencia, a velha pasmaceira...

— Mas os amigos?

— Sempre na rotina velha... Só o Armando, coitado!... Não se recorda do Armando Junqueira que aqui esteve ha mezes em viagem de nupcias?...

— Como não? Conheço Armando de creança e achei-lhe deliciosa a mulher. Estiveram até hospedados no meu hotel.

— E não soube ainda?! Pobre Armando! com certeza não quiz mandar dizer, para que espalhar uma desgraça?... O facto é que a Sylvia foi daqui gravida, circumstancia esta que lhe proporcionou de vez as bôas graças da gente do Armando... Estavam todos radiantes. E não é que a Sylvia tem uma menina sem braços?!...

— Sem braços?... Que horror!...

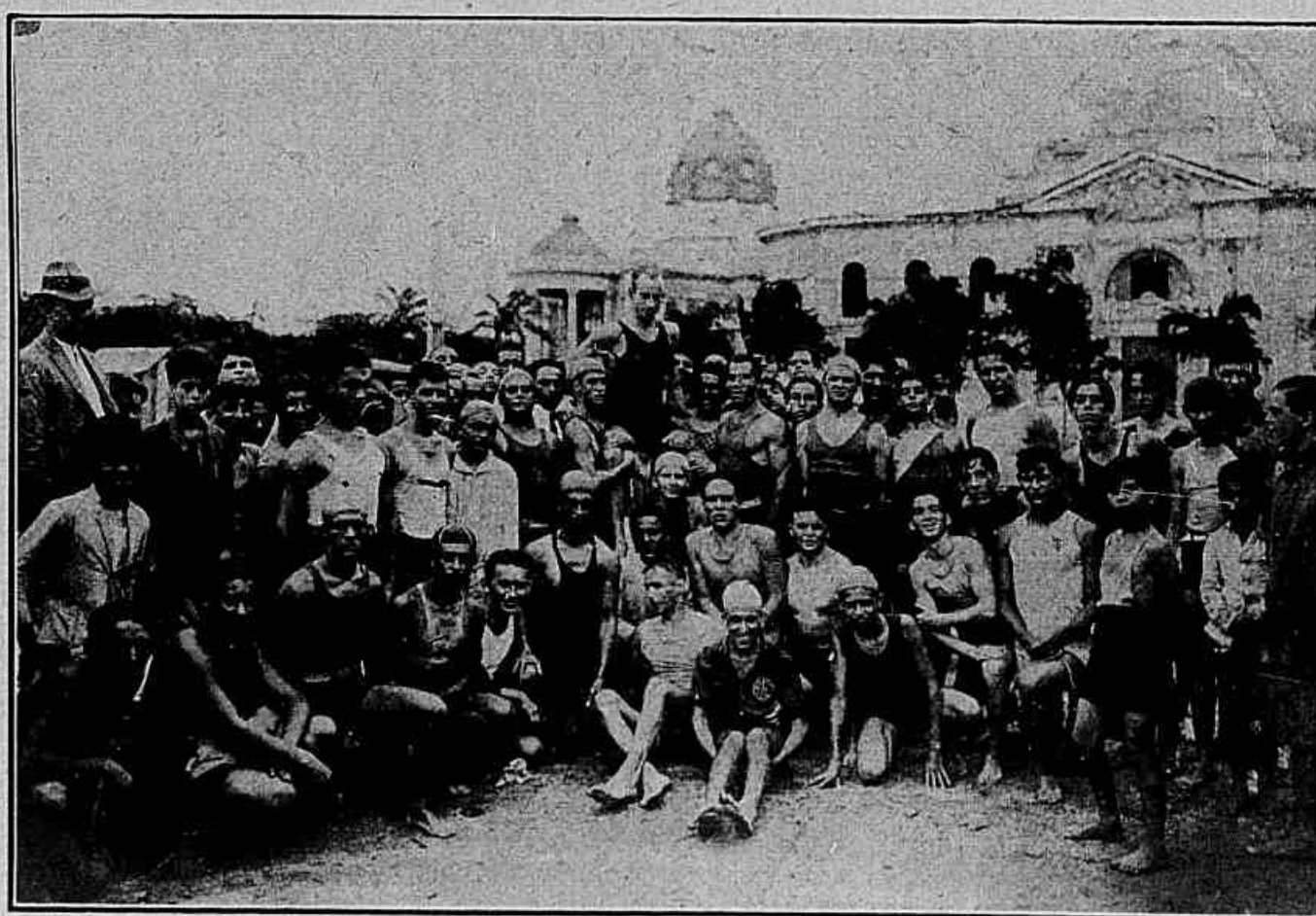
— Totalmente sem braços, não; mas truncados e como que cortados um pouco acima do cotovello... — Que desgraça meu Deus!... Um casal tão moço, tão bello, tão sadio!... E entendiam-se tão bem, eram tão felizes!...

— Comprehendo o silencio do Armando. Elle, tão sensivel, deve ter tido um desespero!... Mas a que attribuem esse phenomeno? A que?!

— Ora!... a eterna historia, o batido estribilho de todos os medicos: Armando devia ter feito um tratamento antes de casar-se... Será acertado? Não se sabe. Armando sempre foi saudavel, a mulher tambem... Mysterios da Natureza... Os medicos, quando não sabem o que dizer, põem tudo nas costas da syphilis. Commodidade... A verdade é que o pobre Armando está desgraçado para sempre...

— Sem braços... horrivel provação!...

— pensava o velho Bento Nogueira aterrado, ao regressar sósinho, acabrunhado pela noticia fatal, ao seu quarto de hotel — pobres pais, pobre creança!... Sem braços... como a Venus de Milo!... Aquella pobre Sylviazinha, tão alegre, a dizer que não tinha medo... Vejo-a ainda... Coitados de nós!... Syphilis... syphilis... é facil dizer... As deusas vingam-se... E não acredite a gente em certas cousas!...

Maria Eugenia Celso.

O C. R. Boqueirão do Passeio levou a effeito, no domingo, pela primeira vez, a prova dos 2.000 metros, instituida em homenagem ao associado n.º 1 da matricula, do percurso Morro da Viuva — Santa Luzia. Sahiu vencedor da prova o nadador Carlos Roberto Scheeweiss, que cobriu a distancia em 1 hora, 1 m. 5 s. Vê-se na gravura o vencedor carregado pelos socios do Boqueirão e em companhia de muitos dos 58 concorrentes que disputaram a prova e que a terminaram, com excepção de um apenas.

Todos os povos têm a preoccupação de saber qual é a sua *Rainha da Belleza*.

E' uma preoccupação muito justa e, sob todos os pontos de vista, só pode ser louvada e prestigiada.

Nós tambem já tivemos que escolher a nossa Rainha e coube justamente á Revista da Semana essa bella e encantadora realização. Os brasileiros anciavam por saber qual era a mais bonita das suas patricias. Afinal souberam, depois de interessantissimo concurso, e delicadamente collocaram na cabeça de Zezé Leone a corôa victoriosa da sua esplendida majestade...

No ambiente moderno, em que a força truculenta das democracias vae amassando as corôas reaes e rasgando aos farrapos, com as mãos sujas de carvão, as purpuras dos reis, a majestade da belleza é ainda a unica que se respeita.

Duques e Duquesas, Principes e Princesas, Reis e Rainhas, Imperatrizes e Imperadores...

A belleza Canadense — Lady Beaverbrook, a mulher mais bonita do Canadá. *Em baixo*: Mademoiselle Herbell, a Rainha da Belleza da França.

tudo desapparece submergido pelo diluvio moderno das idéas democraticas e communistas, irresistivel na sua marcha fatal e esmagadora.

Os sceptros são dobrados, partidos, com a mesma facilidade com que a tempestade verga os pinheiraes. Mas as rainhas da belleza — ficam. E o mundo, já acostumado a deitar-se humilhado aos seus pés, desde os tempos de Belkyss e Cleopatra, rende á Belleza o seu cultó de sempre e, submisso e obediente, beija enlevado as mãos de S. S. Majestades.

Mas a propria belleza obedece, como Einstein, ás leis caprichosos da relatividade...

Não ha uma belleza *unica*, como não existe tampouco um continente unico.

A mulher que para os europeus é um modelo de formosura para os habitantes de Rangoon e de Tokio não passa de uma caricatura ridicula de belleza...

Os japonezes riem-se da belleza occidental, como tambem nós achamos uma graça infinita nos olhos de amendoa das geishas e nos pezinhos millimetricos das chinezas...

Revendo as gravuras acima, que mostram as mulheres mais bellas do mundo segundo a consagração de renhidos concursos, fica-se surprezo, diante da variedade desses maravilhosos typos de belleza, escolhidos desde o Egypto até ao Canadá.

A primeira impressão que resalta de uma analyse ligeira desses retratos é que a Natureza fez muito bem em não reservar só para um povo o previlegio da belleza feminina.

Seria o mais perigoso e o mais antipathico dos monopolios... A uma raça deu a Natureza o privilegio dos bellos olhos; a outra, a perfeição plastica; a outra, a graça e o espirito, etc...

As turcas e as egypcias foram distinguidas com os bellos olhos. Difficilmente se encontra uma turca sem os seus olhos negros, profundos, scismadores — olhos de paixão e de mysterio, languidos e perturbadores rivaes das noites sem luar do Bosphoro, cumplices de todos os encantamentos e de todas as tragédias do amor...

As gregas receberam a herança divina das estatuas de Phydias. São, antes de tudo, esculpturaes. Não têm, é verdade, chispas de lume na sua sensibilidade feminina. Mas se não têm a labareda do fogo possuem a perfeição do marmore. As inglezas, as allemãs, as canadenses, têm lindos cabellos.

Parece que só...

As italianas podem se orgulhar da sua formosura. E' tão difficil achar-se uma mulher feia na Italia como encontrar-se uma mulher bonita na Dinamarca...

A italiana nasce naturalmente bella, como a portuguesa nasce naturalmente sentimental.

Quanto á hespanhola a Natureza foi de uma prodigalidade escandalosa. Nunca vi tanta protecção... E' belleza, graça, encanto, espirito... tudo emfim, num conjunto admiravel de harmonia.

Mas não é só a belleza o que se admira na hespanhola. E' a belleza e, principalmente, a alegria da belleza.

Com a offerta de todos esses predicados á hespanhola, muito soffreram as mulheres da Scandinavia... Umas têm que ser prejudicadas.

A americana é certo que não pode se orgulhar de ser um typo de belleza. Mas, em compensação, é a alegria em pessoa. Onde está a americana, está uma jazz-band.

As filhas da Rumenia são as mulheres mais bonitas da Europa.

A belleza India — Miss Esther Motanic, escriptora norte-americana. Obteve num concurso o titulo de *Rainha do Oregon*.

A belleza Ingleza — Miss Mary Acton. *Em baixo*: a sra. Charaoni, a mulher mais bella do Egypto, cognominada a *Moderna Cleopatra*. Só nesta gravura a belleza ingleza está acima da formosura egypcia...

E as russas? As russas são mysteriosas e apaixonadas. Geralmente conquistam os homens com os olhos. Mas quando dansam conquistam seus admiradores com os olhos e os pés...

Quanto á francesa — capitulo á parte. São tantos os encantos da francesa que em primeiro logar se deve perguntar se a francesa é mulher. Eis ahi uma duvida que tenho ha muito tempo e como eu muita gente bôa, razão pela qual se deve dividir a humanidade em tres partes: homens, mulheres e francesas... Ellas merecem, não ha duvida, as honras de um sexo.

E as formosas argentinas, as lindas uruguayas, as deslumbrantes chilenas?

Devem ser consideradas como as hespanholas.

Quanto ás *pelles-vermelhas* deixo de fallar por falta de conhecimento de causa. Ainda precisam provar que existem...

Sou evidentemente suspeito para falar das minhas patricias. Isto compete aos extrangeiros. Mas, pelo que elles dizem, a brasileira é a oitava maravilha do mundo.

Affonso de Carvalho

Noticiario Elegante

ANNIVERSARIOS

No dia 5 — as sras. Julieta Chaves Rangel, Cora Pires Moreira, Beatriz Maria Hortensia de Proença, Maria Augusta Ruy Barbosa, Marianna Cosme Pinto e Lucinda de Moraes; a poetisa Leonor Posada; o senador Costa Rodrigues; o sr. Francisco Souza Costa, grande figura do nosso commercio; o illustre ministro Pires e Albuquerque, procurador geral da Republica.

No dia 6 — as sras. Alice Quartim de Moura, Maria Calazans de Barros e Corina de Barros Pimentel Medeiros; a senhorinha Alzira da Motta; os drs. Antonio da Silva Moitinho e Eugenio Salles Brandão.

No dia 7 — as senhoras Antonio Salles e Octavio da Rocha Miranda; a senhorinha Vera Niemeyer; o senador Miguel de Carvalho; os drs. Alberto de Gusmão Jatahy, Guilherme da Silva e Octavio Reis; o sr. Adolpho de Souza Cruz.

No dia 8 — as senhoras Conrado Niemeyer, Maria Fischer Gambôa e Albertina Dutra da Fonseca; a escriptora Anna Cesar; a dra. Antonieta Gonçalves de Sousa; a senhorinha Beatriz Saboia Porto; os drs. Leopoldo Teixeira Leite, Urbano Figueira e Leandro Cavalcante; o coronel Leoncio Camargo; o almirante Pedro de Frontin.

No dia 9 — as senhoras Hyppolito da Fonseca e consuleza Parodi Machado; a senhorinha Maria da Gloria Teixeira; os drs. Moura Brasil, Cid Braune, Manoel Antonio de Carvalho; Carlos Lopes de Sayão, Mario Alves e Arthur Guaraná; os srs. Fausto Barreto Durão, Virgilio Lopes Rodrigues e Miguel Braga; o commandante Antonio Alves Torres.

No dia 10 — a baroneza de Paraná; as sras. Abigail Guimarães Braga, Eurydice da Silva Rodrigues, Luiz Gomes de Mattos e Laura Torres Homem; as senhorinhas Helena Pereira Lemos, Olga Ferreira da Cunha, Alice Ribeiro Braga, Lucy Dario de Mendonça, Jacy Martins, Maria Vaz de Barros; os drs. Nina Ribeiro, Oswaldo Gomes da Fonseca de Paula Monteiro de Barros Lima e Mario Belletti; os coroneis Eduardo José Pereira e Luiz Fernandes Ramôa; o tenente Affonso Gomes; a formosa petiza Elza, filhinha do talentoso caricaturista J. Carlos.

No dia 11 — as sras. Alda da Fontoura Caravelli e Zaira de Oliveira Santos; as senhorinhas Marina Silveira de Souza, Eulalia Seabra de Vasconcellos e Leonor Henrique da Silveira; os drs. Silveira Lobo, João Capistrano Gomes de Paiva, Firmino Doellinger da Graça, Emilio Amarante Peixoto de Azevedo; o nosso collega Fernando Mendes de Almeida Junior; os srs. Alfredo e Guilherme Seabra e Eugenio de Paiva Rio; a interessante Léa de Campos, filha do sr. João Sebastião de Campos.

NOIVADOS

— a senhorinha Ruth Cunha e o sr. Luiz Reed Costa;
— a senhorinha Djanira Mendes d'Oliveira e o sr. Agostinho G. Ribeiro;
— a senhorinha Clelia Gondim Brayner e o sr. Manoel J. Cardoso;
— a senhorinha Elza de Carvalho Rodrigues e o tenente Rubens N. Miranda;
— a senhorinha Catharina Caselgrandi e o sr. Francisco Pereira.

CASAMENTOS

— a senhorinha Jandyra Affonso de Carvalho e o jornalista Mazzini Serôa da Motta;
— a senhorinha Lubelia Pereira de Souza e o dr. Joaquim Ramos Brandão;
— a senhorinha Jandyra Pereira Reis e o sr. Sylvio de Mattos;
— a senhorinha Alfredina Mendes e o sr. Severo Trompiere;
— a senhorinha Elsa Goulart e o sr. Newton Pfaltzagraff Brasil;
— a senhorinha Lourdes Pinto Soares e o sr. Eduardo da Silva Maia.

DIPLOMATAS

Brilhantissimo o banquete que o ministro de Cuba e a senhora Barnet y Vinageras offereceram no palacete da Legação ao consul geral Joaquim Eulalio e senhora, por terem que partir para Cuba.

Tomaram parte nesse jantar o dr. Montilla, ministro da Venezuela; o secretario da Legação da China e madame O. Tsin-Shuing; o secretario da Legação de Tchecoslovaquia e a senhora De Ditrich; o dr. e a senhora Octavio N. Britto; mr. e madame Ploson; senhora Muguette Ou; dr. Gomez Garriga, conselheiro da Legação de Cuba; o sr. Ploton Filho.

*

Pelo *Duque de Caxias*, seguiu para Buenos Aires o dr. Americo Galvão Bueno, secretario da Embaixada do Brasil na Argentina.

O joven e distincto diplomata foi acompanhado de sua senhora e teve um embarque muito concorrido.

*

O ministro da Marinha offereceu um grande banquete em honra do commandante e officialidade do cruzador inglez *Capetown*, que esteve em nosso porto.

O formoso banquete realizou-se nos salões do Club Naval, onde essas horas se passaram na maior cordialidade e distincção.

A gentil senhorinha Ephigenia (Genica), filha da sra. viuva Amelia Pedroso Chaves, cujo consorcio com o sr. Luiz Brandão, filho do nosso antigo companheiro de direcção Arthur Brandão, se realizará em S. Paulo na segunda quinzena do corrente mez.

OS QUE VIAJAM

Deixaram o Rio: — o ministro Heitor de Souza, que foi á Europa; o dr. Henrique Militão de Souza Campos, para S. Paulo; o dr. Geraldo de Andrade, que vae fixar residencia em Recife; o commendador Angelo Cerutti, para a Italia; o dr. Octavio Coêlho de Magalhães, para Bello Horizonte; o *sportman* Milton Fontenelle de Araujo; a brilhante pianista patricia Mathilde Nunes.

*

Chegaram ao Rio: — o sr. Ruy Soeiro Pereira da Silva, que regressou da Europa; o coronel José Caetano Pimentel, procedente de Bello Horizonte; a cantora Eliza Kutscherra, que regressou da Europa; o dr. Lemos Britto e familia que voltam de sua viagem á Bahia; o dr. Mario Pinto Peixoto da Cunha, chegado de Matto Grosso.

VERANISTAS

Para Petropolis: — o dr. Arnaldo Hautz e senhora; o dr. Armando Rangel e senhora; a familia Nascimento Silva; a senhorinha Maria da Gloria Rodrigues Corrêa; a cantora Eliza Kutscherra de Nys.

*

Para Theresopolis: — o sr. Antonio França e senhora; o dr. Carlos Gross e filhos.

*

Para Poços de Caldas: — o sr. Eloy Jorge e familia.

*

Para Lindoya: — o capitão Raymundo Monteiro.

*

Para S. Lourenço: — o sr. Sylvio Freire e familia.

EM PETROPOLIS

Lindos têm sido os dias nesta magnifica cidade serrana.

Os *vilinos* da encantadora cidade azul já se vão abrindo em quantidade e todos os dias pelas ruas ou pelos clubs e hoteis vão-se encontrando novos veranistas. A cidade povôa-se maravilhosamente de tudo o que ha de mais elegante.

Dansa-se a qualquer pretexto, á hora do chá ou á do jantar.

As reuniões nos hoteis e nos clubs têm sido em profusão.

Assim annunciam:

No Tennis — hoje — grande baile, commemorando o anniversario do Club; amanhã — chá dansante; no dia 12 — jantar dansante; dia 13 — chá dansante.

No Xadrez — para amanhã — uma deliciosa noite dansante.

HORAS DE ARTE

Foi das mais notaveis e brilhantes a tarde de arte organizada pelos conhecidos homens de letras Damasceno Vieira, Padua de Almeida, Harold Daltro, Paschoal Carlos Magno e Theoderick de Almeida, sabbado ultimo, no salão do Centro Paulista, em homenagem ao esplendido poeta A. J. Pereira da Silva.

Além do bello programma de arte, houve tambem um chá dansante, que transcorreu animadissimo.

RECEPÇÕES DE ANNIVERSARIO

No dia 22 — a senhora Antonio Ferreira Botelho, que abriu os luxuosos salões de sua confortavel residencia offerecendo ás suas fidalgas relações um esplendido baile á fantasia, para festejar o natal de seu filho o joven Fernando Ferreira Botelho.

No dia 26 — a sra. Virginia Moss de Castro.

No dia 27 — a senhorinha Dulce Soledade.

No dia 29 — a galante Maria Augusta Barata, que offereceu uma alegrissima tarde de folguedos aos seus amiguinhos.

Hontem — a senhorinha Lygia Fernandes Mello.

M. DE D.

CARNET

Meu amigo:

Existe sempre uma physionomia diversa em cada etapa da vida que se vence.

Hontem nos movimentavamos; hoje vivemos dias e dias de absoluta quietude e solidão. Afastados de tudo e de todos, ficamos dentro do proprio eu, e apenas com as nossas recordações.

E' um estagio de calma para as nossas sensibilidades.

Não se vae a parte alguma; fica-se em casa displicentemente.

Numa destas noites, porém, alguem, que recostada em almofadas olhava vagamente as cousas e aguardava que uma de suas amigas retocasse a "toilette" para se despedir, proporcionou-me um momento de interesse. A que veiu da "coiffeuse" vinha tambem fortemente perfumada.

A reclinada despertou num salto:

— Este perfume, aonde o encontraste?

— Entre os outros.

— Havia melhores: "Nuit de Noel" e "Tabac blond" de Caron, de Erasmic, de Coty... por que o preferiste?

— Desgosta-te este?

— Não, mas me traz uma recordação que eu não quero profanar.

Não gosto de sentil-o em parte alguma; apenas algumas vezes em que sósinha teço na minha imaginação um sonho todo oriental e aspiro-o até entrar no sonho real de adormecida.

— Rescende a flores seccas, lembra velhos guardados envoltos em alfazema...

Cousas que vão e vêm...

— O que passou jamais deve voltar, perderia inteiro o seu valor.

A vida é um rendilhado de recordações e justamente a diversidade da sua renovação é o segredo dos que jamais se desencantam.

Vae-te, não te quero sentir este perfume.

Despediram-se, beijaram-se, rimos muito e eu, meu bom amigo, quebrei, ouvindo este dialogo, um pouco da monotonia do momento que vive a sua

Maria de Lourdes.

S. ex. o sr. Washington Luis, presidente da Republica, no palacio do Cattete, em companhia do sr. dr. Mora i Araujo, embaixador da Argentina, e dos srs. Fernando Carlos, Alejandro Baldassini, Alquedo Albertolli e Luis de Curió, delegados do Club Social Argentino recentemente fundado nesta capital, que foram entregar ao eminente Chefe do Estado o diploma de presidente honorario da referida sociedade.

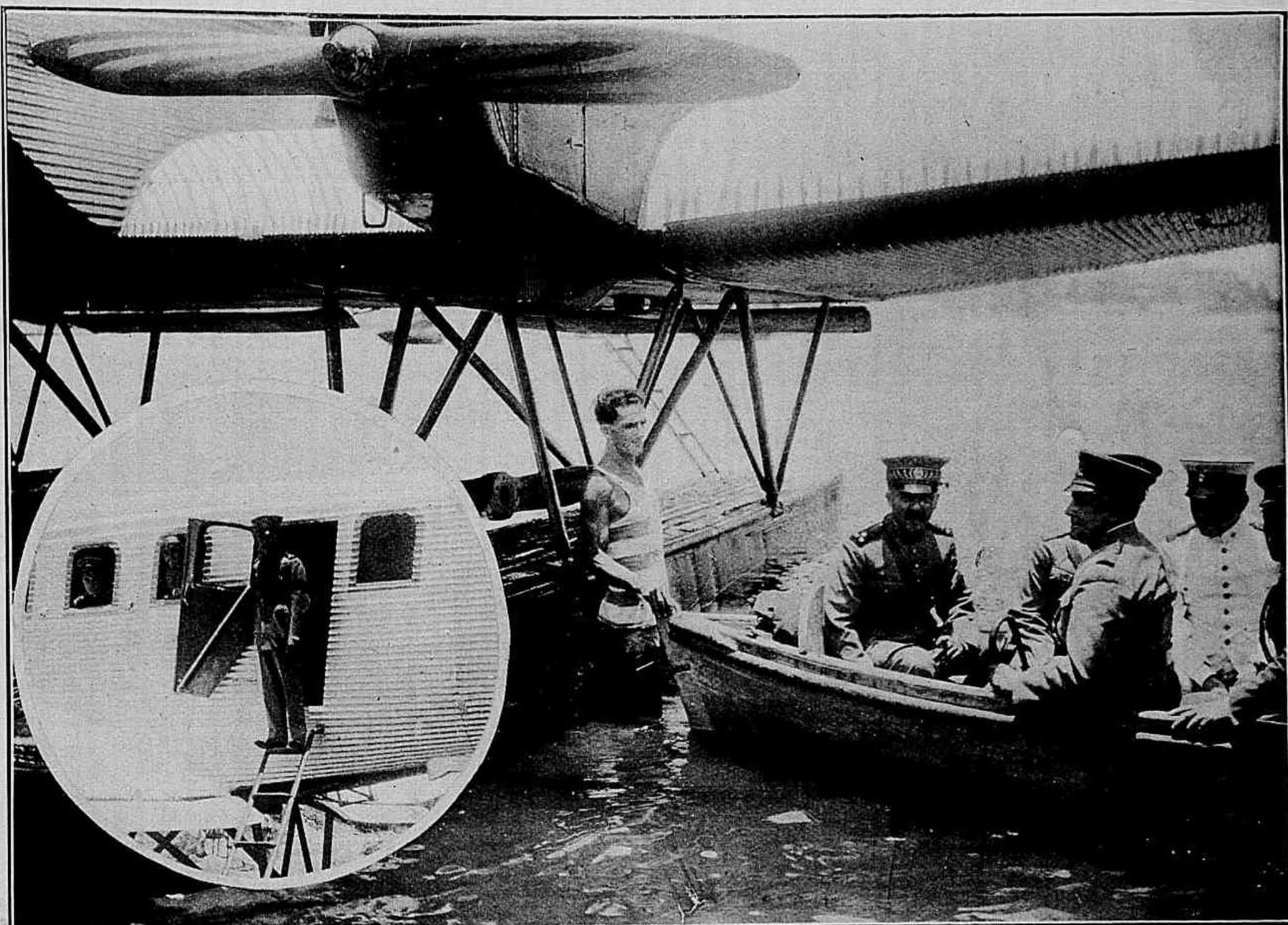
NOTICIAS E COMMENTARIOS

BRASILEIROS SPORTSMEN

O seculo XX é para o Brasil um seculo de intensa vida sportiva. Multiplicam-se pelo paiz inteiro as zonas de actividade sportiva e a variedade dos sports, por excellencia no Rio de Janeiro, onde cada uma das grandes aggremiações possue ou imagina a sua praça, o seu *stadium* gigantesco, a sua séde principesca.

O brasileiro vae adquirindo um pouco do grande amor do inglez aos sports e dedica-se ao remo, ao foot-ball, á natação, ao tiro, ao hippismo, a tudo emfim. E fóra da patria conquista as glorias sportivas.

Foi o que se deu ha dias com o nosso joven patricio, sr. Manoel de Teffé, filho do illustre embaixador do Brasil em Roma, dr. Oscar de Teffé, que conquistou o premio, da categoria de turistas, da prova automobilistica de ascensão de montanha, disputada nos suburbios romanos, num curso de tres e meio kilometros. O nosso patricio venceu a distancia em uma hora e cincoenta e tres minutos.

O sr. Manoel de Teffé, que já se tem affirmado por varias vezes um *sportman* de valor no automobilismo, adquire agora um nome ainda mais brilhante no mundo sportivo.

A missão Junkers, que tem proporcionado varios vôos no lindo apparelho «G 24», convidou o general Sezefredo dos Passos, ministro da Guerra, para um vôo de contorno sobre o Rio e sobre a Guanabara. Nesse vôo o «Junkers» realizou o record da carga, transportando, alem do piloto e mechanicos, 16 pessôas, ou sejam 6 além da lotação. No medalhão vê-se o sr. ministro da Guerra á porta do «Junkets»; na outra gravura, s. ex. e sua comitiva após o vôo, deixando o avião.

UM HERÓE DE 12 ANNOS

A imaginação de Julio Verne, quando sagrou um heróe de quinze annos, talvez não cuidasse da possivel existencia de heroismos mais precoces. Estes existem, entretanto, e ostentam-se numa verdade radiosa: delles tivemos ha pouco um exemplo que merece mais do que o laconismo de um registro, mesmo que este se fizesse acompanhar da gravura que aqui se vê.

O escoteiro Walter Leitão Mathias, de Paquetá, uma creança de doze annos, tornou-se credor da medalha de heroismo por haver salvo das ondas do mar, na Praia Grossa, daquella pittoresca ilha, o pequenito Nestor Ramos Belo, de dez annos de edade.

O notavel movimento que se vem observando entre nós e que tem transformado em escoteiros legiões de creanças começa a produzir os seus grandes frutos. A escola de altruismo e de abnegação dos escoteiros colhe os louros da sua grandiosidade, apresentando nos pequeninos heróes de hoje a visão dos grandes heróes de amanhã, de alma educada no bem, no sacrificio, na dedicação e no affecto.

A figura de Walter avulta, mais ainda em razão dos seus doze annos, como um exemplo de nobreza e de amor para as outras creanças e para os homens. E a gente ao vêr na gravura esse minusculo heróe que, tendo partido o braço poucas horas antes, vae, assim mesmo, receber a medalha humanitaria que o governo lhe concedeu, não póde deixar de admirar a tempera desse menino que annuncia tão eloquentemente o consorcio de uma futura força de aço e de uma alma toda de ouro.

O pequenino escoteiro Walter Leitão Mathias, de Paquetá, no Ministerio da Justiça, ostentando ao peito a medalha de heroismo que lhe foi conferida pelo sr. ministro Vianna do Castello, por haver salvo o seu companheiro Nestor Ramos Belo, de 10 annos, que se vê ao seu lado. Em torno vêem-se com o sr. ministro da Justiça: dr. Mozart Lago, representante do ex-ministro Affonso Penna, e dr. Mello e Souza, chefe do Gabinete, os parentes dos dois meninos e funccionarios do Ministerio.

MAIS UM...

Mais um discipulo de Raul que nos apparece: A. Broxado, o interessante desenhista de "A Tarde", o brilhante diario da Bahia.

Broxado manda-nos os seus votos de Feliz Anno por meio de um engraçado desenho que reproduzimos ao lado, uma auto-caricatura em que se contêm os algarismos romanos do anno em que estamos e as felicitações do autor.

Registrando, com agradecimentos, a visita do interessante desenhista fazemol-o com a alegria que temos varias vezes apregoado de vêr como vem despertando a attenção de artistas e curiosos a escola que o nosso querido Raul divulgou através das paginas da *Revista da Semana*.

MUSAS E INTERPRETES

A proposito da chronica *Musas e interpretes*, publicada no nosso penultimo numero, recebeu a nossa brilhante colabo-

radora sra. Clara Lucia da illustre escriptora sra. Maria Eugenia Celso, que egualmente honra as paginas desta "Revista" com a contribuição periodica da sua prosa, este expressivo bilhete:

"A Clara Lucia, envio o meu caloroso aplauso pelo magistral artigo *Musas e interpretes*, artigo este que devia ser espalhado o mais possivel, em beneficio da verdadeira arte de recitar e das desgraçadas Musas, tão sacrificadas por esta crise aguda de "recitalite". O meu bravo solidario, pois, e as minhas mais cordiaes saudações. — *Maria Eugenia Celso*."

UMA FESTA DE INTELLIGENCIA E ARTE

Pereira da Silva, o magnifico artista do verso, foi homenageado com uma linda festa realizada no Centro Paulista e promovida por seus amigos, os intellectuaes Damasceno Vieira, Padua de Almeida, Harold Daltro, Paschoal Carlos Magno e Theodorick de Almeida. Presidiu a encantadora tarde de arte o eminente poeta e academico Luiz Carlos. Na nossa gravura vê-se Pereira da Silva sentado, no primeiro plano, e rodeado pelos promotores e pessôas que tomaram parte na festa em sua homenagem.

EXPOSIÇÃO DE ARTE DECORATIVA

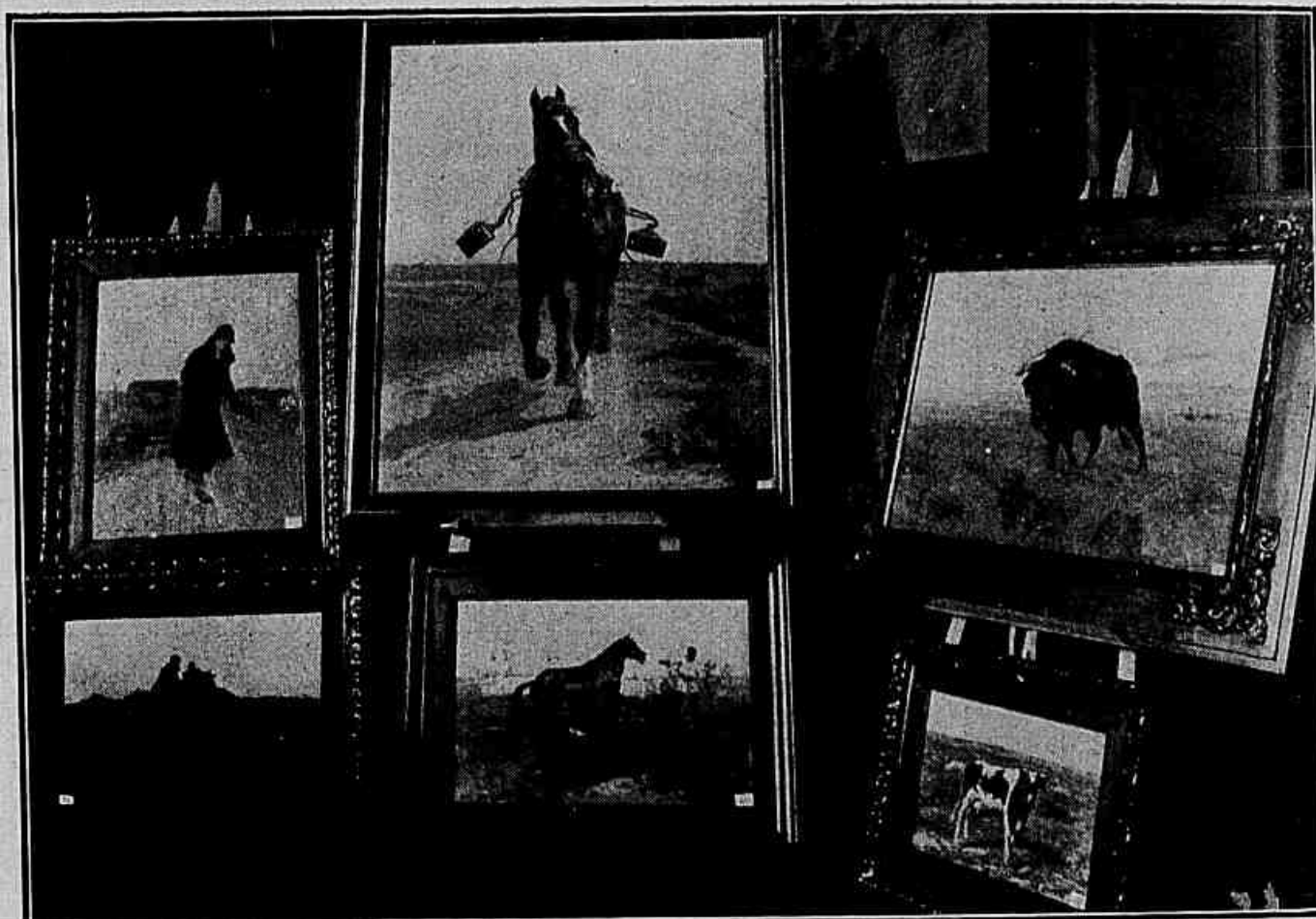
O Rio de Janeiro, pelos dias que correm, ostenta uma feira de Arte devida a um punhado de idealistas que, saturados de enthusiasmo e com o calor da juventude a escaldar-lhes o coração, como novas encarnações do hespanhol de "El Toboso", se lançaram a uma aventura digna de encomios.

Esses propagandistas da arte brasileira, inaugurando a Exposição de Artes Decorativas, contornaram todas as difficuldades, zombaram dos contratempos e, sedentos de conquistar glorias, venceram.

Está desfraldada a bandeira dos bravos iniciadores que, sem outras armas além do seu patriotismo, nem mais auxilio do que o vigor da sua nobreza e altruismo, conseguiram travar a terceira batalha com a victoria da Arte, realisando, depois do "Salão dos Novos" e do "Salão Geral de Pintura", em São Paulo, o de "Arte Decorativa", no Rio.

Podemos affirmar que os trabalhos expostos de Hernani de Irajá, Gœldi, H. Cavalleiro, C. Kelly, Trompowsky, M. Junior, Principe de Gagarin e Corrêa Dias são já radiosa realidade, promessa imponente para o amanhã e palpavel manifestação de que o Brasil levou ao espirito dos seus filhos algo da sua belleza.

A ceremonia inaugural do 1.º Salão de Arte Decorativa no Brasil, devido á Commissão Propagadora da Arte, composta dos srs. dr. Hernani de Irajá, nosso collega de imprensa, Celso Kelly, Navarro da Costa, E. Francisconi e Luiz Villarinhos, que se vêem na gravura acompanhados de senhoras e senhoritas presentes ao acto, professores e artista; dr Carlos de Campos, illustre presidente do Estado de S. Paulo, e dr. José Marianno Filho, director da Escola de Bellas Artes.

EXPOSIÇÃO SIMÃO DA VEIGA

Acham-se expostos no Gabinete Portuguez de Leitura alguns quadros do sr. Simão da Veiga, pintor ribatejano, muito apreciado em Portugal pela nota realista e o caracter regional dos seus trabalhos.

Gremio Litterario Olavo Bilac

Pessôas presentes á ultima reunião realizada no Gremio Litterario Olavo Bilac.

O vôo de Portugal em volta do mundo

A equipe portuguesa que irá tentar a volta ao mundo no hydro-avião «Argus». Photographia tirada em Marina di Pisa, na Italia, e na qual se vêem, da esquerda para a direita sob as respectivas assignaturas, autographas, os aviadores José Cabral, Sarmento de Beiras, Jorge de Castilho (neto do grande Antonio Feliciano de Castilho) e Manoel Gouveia.

Sarmento de Beires, o aviador portuguez que addicionou á gloria do vôo transatlantico de Gago Coutinho e Sacadura Cabral a brilhante façanha do *raid* Lisbôa-Macau, realizado com Brito Paes, vae dar ao mundo um novo attestado da pujança e do valor da Raça, levando as asas de Portugal em vôo á volta da Terra.

A' hora em que escrevemos, apresta-se o "Argus" para a arrancada, para a romagem da Gloria, para a trajectoria de luz, para essa nova empreza de patriotismo e audacia em que os descendentes dos descobridores de terras e de mares irão fender espaços novos. Portugal troca as quilhas das velhas caravellas dos antepassados pelas asas elegantes e ultra-modernas dos aviões, para a intrepida escalada dos céos. Os titans da Lusitania levam a confiança na alma e essa confiança sadia e patriotica extravasa das palavras de Sarmento de Beires, escriptas para "A Patria" do Rio, de Marina de Pisa, na Italia:

"Quando a gente recorda o vôo monumental do "Lusitania", amarando junto aos Rochedos de S. Paulo, á luz fôsca do anoitecer tropical, ultimas gottas de gazolina aspiradas nas derradeiras pulsações do motor, quando se pensa na ponderação e na competencia dos Homens que, através do Atlantico, conduziram essas asas luminosas, parece-nos justo que se respeite o sonho de quatro homens que querem seguir-lhes o exemplo...

E' o que vae tentar a equipe portugueza, levando mais uma vez ao Brasil um pouco desta alma que o creou, um pouco do carinho amigo que em Portugal palpita pela nação irmã.

E' o que vamos tentar, levando aos portuguezes de Além-mar a saudade da Terra Portugueza".

Não será apenas uma tentativa! O vôo do "Argus" ha de ser uma realidade gloriosa, uma nova pagina de ouro da Historia de Portugal, uma nova epopéa da Raça privilegiada de heróes e sonhadores, e nós aqui estaremos, cheios de ansia e affecto, para acolher os navegadores do espaço com a nossa alma de brasileiros e o nosso coração de irmãos.

A representação diplomatica do Brasil em La Paz, Bolivia. — O ministro F. de Castello-Branco Clark ladeado pelo secretario da Legação, Oswaldo Furst, e pelo *attaché* militar capitão Evaristo Marques da Silva

NO GARIMPO DA VIDA

Ao relento, á canicula, á chuva, ao vento em lufadas moireja seu relidar incessante, com paciencia de illuminurista, o homem do garimpo, "o caçador de esmeraldas", microscopista desarmado de um mundo invisivel a nós outros, profanos.

Sol a sol, vão-se estios e invernadas, e elle, o garimpeiro pertinaz, não corta a labuta, sempre o mesmo, bateia na mão ou, farta vez, o carumbe, ao lado o piquá, na ansia intermina de descobrir e explorar veios novos e ferteis.

Ei-lo a buscar no seu ingratamente cobiçavel mister.

Bateia que bateia, cata e recata, procura, perquire, esmiuça com a pachorra e o cuidado de uma avó a matar cafunés na cabecita loira da netinha.

Apura a vista: — Um diamante! Tenho feita a minha vida!...

Mira-o e remira-o, examina-o, esquadrinha-o, especula, reflecte, pondera... E conclue:

— E' cascalho...

....

O garimpo é a imagem perfeita da vida...

Francisco Hermano

OS CONCURSOS AQUATICOS DO C. R. ICARAHY

Aspectos tirados em Nictheroy, no domingo ultimo, por occasião da manhã sportiva realizada pelo C. R. Icarahy. *A' esquerda:* grupo de nadadores que figuraram nos concursos aquaticos e um aspecto da praia durante as provas. *A' direita:* Jair Ruch, Helena Collin e Thora Milbourne, vencedoras das provas femininas.

FOLHAS SOLTAS

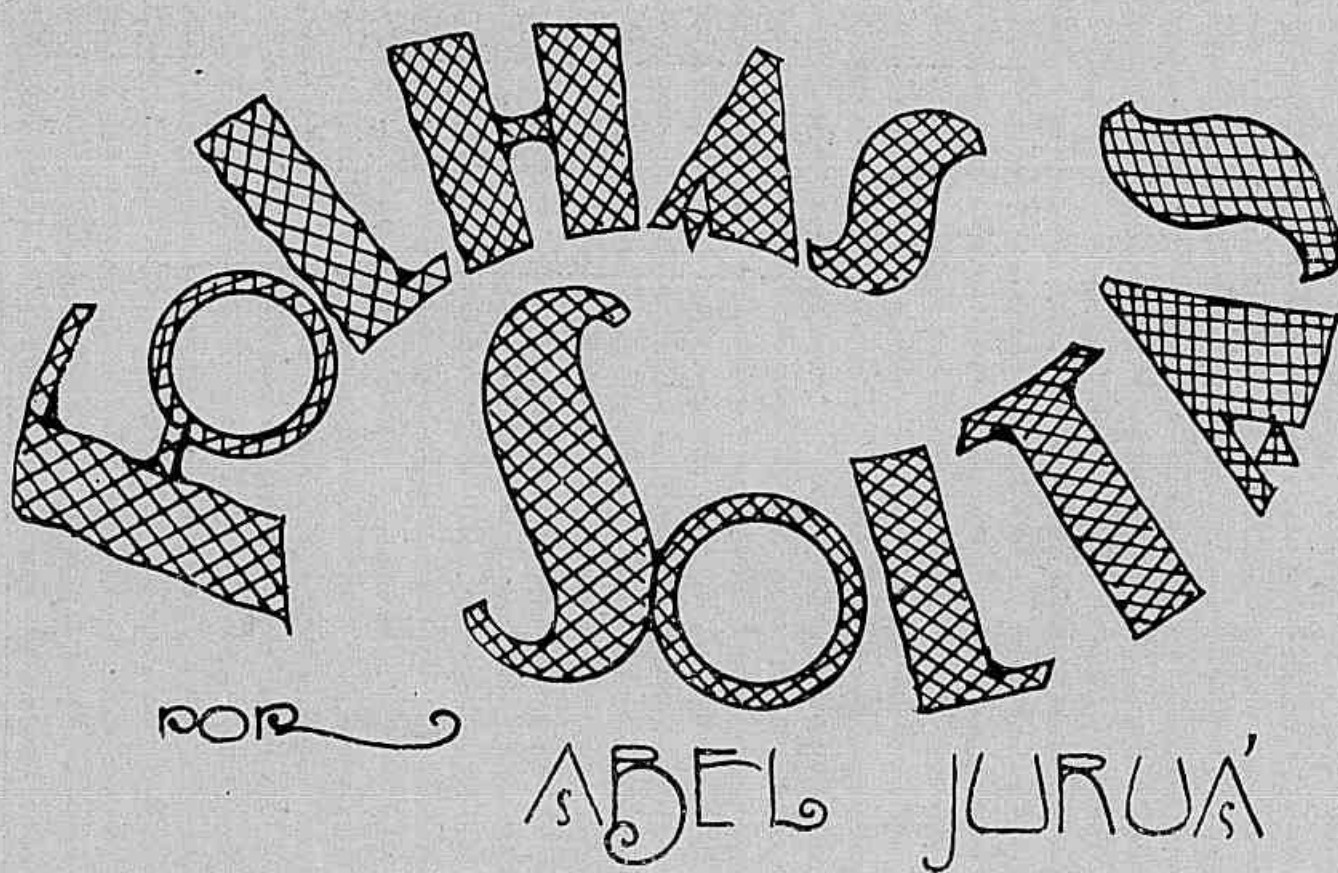
por ABEL JURUÁ

POUCAS vezes um artigo de jornal, escripto rapidamente para não perder o correio, me causou uma impressão tão emocionante como o do brilhante poeta Magalhães de Azeredo sobre Mario de Alencar.

A verdadeira amizade, aquella que La-Rochefoucauld considerava mais rara e preciosa que o amor, vibra ali em toda a sua pujança feita de lealdade e de gratidão. Não ha uma só phrase, naquelle artigo transbordante de affecto e de saudade, que tenha um som falso ou exaggerado. Sente-se a alma do escriptor, ferida profundamente pela perda do amigo que era para elle "um conselheiro, um guia, um modelo, um arbitro, um mestre".

Se uma duvida o affligia, recorria pressuroso á luz acolhedora do seu criterio. "Se um dissabor, uma desillusão, uma tristeza me entenebrecia o espirito — affirma o autor das *Horas Sagradas* — para elle, de perto ou de longe, eu appellava pedindo consolo e protecção".

Uma confissão destas nobilita quem a faz, e quem a recebeu muitas vezes no longo periodo de uma intimidade purissima. Só os homens verdadeiramente superiores sabem reconhecer e propagar o valor daquelles que tambem o são. Os outros encontram sempre uma reticencia, uma duvida, um *quê* vago e capcioso que trava a admiração e arrefece o enthusiasmo.

Por mais insensivel seja a época em que nos movemos, e muito egoistas, muito indifferentes nos tenhamos tornado, girando no turbilhão continuo da hypocrisia, que diante de nossos olhos faz scintillar os seus insolentes ouropeis, uma affeição destas, tão simplesmente manifestada e fervorosamente proclamada, produz na nossa alma um intensa emoção. Nada no mundo conforta, suaviza, aperfeiçoa como a chamma constante da amizade verdadeira. Todos os grandes espiritos a sentiram; ella honrou Madame de Stael e Madame Récamier, Michelet e Quinet, Madame de Sévigné e La-Fontaine. Emilio Faguet, a quem ella inspirou uma de suas paginas mais profundas, declarou que um amigo é um irmão que se escolhe.

"— Nós temos — affirma elle — um numero infinito de coisas para esconder de todos. São ellas as peores e as melhores que um instincto occulto nos insinua a dissimular. Escondemos o peor para não sermos desprezados, e o melhor para não sermos ridicularizados. E' pois este melhor e este peor que queremos confiar a alguem que se pareça comnosco, para sermos comprehendidos, a alguem que nos estime afim de encontrarmos indulgencia, a alguem que apreciamos para o julgarmos digno de nos observar pelo nosso melhor lado. Da sua indulgencia estamos certos pois, conforme deliciosamente disse Madame Barratin," o amor é cego e a amizade fecha os olhos". Da complacencia, estamos egualmente seguros pois a amizade, a ser tomada pelas suas qualidades negativas, é a ausencia de concorrencia, de rivalidade e de invejas, e o amigo nos relevará o que podemos ter de bom, sem nos achar orgulhosos ou ridiculos de lh'o dizermos, desde o momento que é só a elle que o fazemos.

Não ha quem desconheça os immensos beneficios que a amizade traz ao coração humano. Pascal mesmo, o philosopho, o religioso Pascal, concordava que uma bella existencia deveria principiar pelo amor, continuar pela ambição e terminar pela amizade. Em todo o ser ha um ponto intimo e secreto que não se revela ou por pudor ou por medo; mas, quando uma verdadeira affeição o liga a um outro, leal e confiantemente elle se expande e adquire uma sinceridade que impõe respeito e admiração. E' consolador verificar que essa força, que ampara em todos os desfallecimentos, e que é mais nobre do que todas as outras, ainda floresce no nosso seculo, que o scepticismo crestou com seu sopro arido. Se não vibra sempre com a mesma cavalheiresca vehemencia, produz commoções e ancias de sacrificios, envolvendo na sua caudal generosa os puros, os enthusiastas e os idealistas.

No conjunto das opiniões tão bellas de Magalhães de Azeredo, resalta com toda a nitidez o caracter escrupuloso, honesto e sensato do insigne filho do auctor de "Iracema". Embora muito sinceras tenham sido as homenagens a elle prestadas, nenhuma foi decerto mais expressiva que a do seu maior amigo, pois nenhuma infundiu uma ideia mais completa do que foi na terra aquelle claro e primoroso talento que, embora recolhido na sua natural timidez, não poude dissimular a nobre essencia de que era formado.

Abel Juruá

1 — *Margarida*. Tunica muito curta de gaze branca. Barra dupla de grandes margaridas, que se repetem no hombro, 2 — *Costume fantasia*. De setim branco, ricamente bordado a ouro; saia crinoline solta. Calça de crêpe da China. 3 — *Dansarina hespanhola*. Saia de tafetá ricamente franzida; chale de seda de motivos multicores, ornado de longas franjas. 4 — *Borboleta*. Cabeça, asas e vestido de gaz:. Como enfeite, folhos, applicações multicôres. 5 — *Costume nacional tcheque*. Saia curta, ampla, de setim com flores multicôres. Avental de seda, ornado de renda branca. Corpete de setim, com bordado multicôr. Camiseta de linon. lencinho bordado. 6 — *Cow-boy*. Calça e saia plissada de lã marron; camiseta de crepe da China branco. Bota de couro envernisado. 7 — *Bonbonnière*. Saia de seda pastel, franzida. Corpete de lamé multicôr, recortado em grãos 8 — *Boneca*. Corpete ajustado e saia ampla, franzida, de setim côr pastel. Banda de folhos. 9 — *Fantasia*. Em lamé de prata: tunica plissada na frente de um modo original e ornada de grandes motivos em perolas e em strass. 10 — *Girasol*. Costume de lamé ouro. Corpete drapé, muito decotado e com uma golla original. Saia feita de petalas.

Na Paulicéa
(De um caderno de notas)

Proliferam os
arranha-céus

A gazolina perfilada em todos os cantos
Um patafreneiro.
O Juca Pato
de Belmonte
espalhado
por todos
os lugares
Vendedor
de pérolas

Inspector de vehiculos
(Composto)
Inspector de vehiculos
(Grilo) - Simples.
Inspector de
vehiculos (Com posto)

Signaleiros com
pestanas
Inspectores de
vehiculos
(com postes)
Um membro da
Legião

Trajes de
verão
Vultos da
força publica

Força publica
em dia de
grève pacifica
As charretes são incontaveis
Nipões em penca

Made in Germany
Made in Italy
Made in Syria
Não ha
street
dog.
Autos aos milhares
O auto particular
é geral

Vendedor de
leite nos
arrabaldes
Imprensa
fidalga
e
distincta
Calor e frio de parceria!
Raul
1927

A MODA

Os chapéus de feltro, de velludo ou de tecidos de fantasia repartem entre si os favores da moda: cada genero de chapeu tendo seu encanto, devemos escolher aquelle que melhor se adapte não só á nossa physionomia como ao uso que lhe queremos dar.

Reservemos para as grandes occasiões os chapéus de velludo e de setim.

Para o uso diario os chapéus de palha leve ou os de tafetá piqué.

Dá-se de mais a mais uma importancia razoavel ás guarnições, muito desprezadas nestas ultimas estações. Isso muda-nos da correcta mas muito banal uniformidade das pequenas formas meio despidas que sempre rodeiava uma eterna fita de gros-grain, mais ou menos arrumada. Vemos com prazer reapparecer a graça dos drapés vestindo com pregas sobrias uma toque matinal, enrolando-se em volta de um feltro de abas levantadas ou amarrando-do-se negligentemente sobre um desses chapéus de palha de abas de tamanho médio, dos quaes se começa a ver numerosos exemplares. Com isso se pode fazer chapeus graciosos, e faceis de guarnecer-se. O chapéu branco e cinzento claro foi muito usado nas estações de Deauville e Biarritz. Entre a grande maioria de luvas beige claro foram no entanto vistas tambem nessas praias de luxo um certo numero de luvas cinzento e branco.

O azul marinha e branco ou tambem marinha e beige — este ultimo tom reservado aos sweaters-formavam combinações dos matizes mais na moda. Tons em geral mais brilhantes que os tons de pastel usados no outro anno alternavam com os beiges e os marinhas mais neutros. Os lenços, sobretudo, traziam sua nota viva verde ou amarello, ou então violeta ou vermelho vivo. Esses rectangulos de tecidos vistosos, negligentemente atirados sobre os hombros ás vezes com suas duas extremidades cahindo sobre a frente do sweater, foram funes-

ULTIMOS MODELOS

A MODA DO AZUL MARINHA E BRANCO E MARINHA E BEIGE

1 — Toque em velludo azul marinha com drapé de seda branca e xadrez azul marinha. 2 — Bluza em voile de seda azul marinha, saia em crêpe marocain branco. Lenço e feltro branco e azul marinha. 3 — Vestido em crêpe de Chine azul marinha, cujo decote é alegrado por um viez de crêpe branco sublinhado por um viez muito estreito em crêpe beige. Cinto em camurça. Feltro branco com duas fitas em gros-grain, uma larga azul marinha e a outra estreita beige. Manteau de crêpe marocain branco com dois cravos beiges na botoeira. Pulseiras de saphiras e brilhantes terminam essa toilette. 4 — Feltro rosa com fita gros-grain azul marinha. Vestido em pesado crêpe de Chine branco, guarnecido com listas côr de rosa e azul marinha. Um lenço negligentemente atirado sobre os hombros repete as côres do chapeu. As luvas muito largas são em antilope branca. Um broche de saphira e diamantes fixa os fios de perolas. 5 — Vestido em crêpe de Chine beige muito claro, casaco em crêpe marocain azul marinha, debruado com cadarço de seda beige, lenço azul marinha com barra beige e chapéu beige com fita azul marinha. 6 — Chapéu em setim cinzento claro com grande rosa vermelha segurando os apanhados da seda da copa.

tos á echarpe, de que não se encontra mais senão muito raros exemplares.

Mas, se a influencia do sport modifica tão nitidamente, durante o dia, a physionomia de toda reunião elegante, a moda da noite torna-se essencialmente parisiense. Qualquer que seja o logar, o clima, a mulher apparece a mesma passadas nove horas. O vestido perlé, o vestido bordado e o vestido feito com tecido transparente gozam em toda parte de uma voga igual. A sumptuosidade da moda da noite ganha em relevo fazendo seguimento á extrema simplicidade da moda do dia.

As joias parecem mais brilhantes ainda depois do seu eclipse quasi total durante o dia.

As saphiras rodeiadas ou não de brilhantes estão sendo muito usadas com as toilettes azul marinha e branco, tanto em moda actualmente para os vestidos do dia.

As bolsas continuam a ser muito grandes, mesmo de dimensões colossaes.

MODA INFANTIL

1 — Vestido em linho côr de limão bordado com linho azul marinha. 2 — Vestido em crepon vermelho guarnecido com pontos abertos, golla formada por tres series de gollinhas de molmol, gravata de seda preta, cinto de verniz preto.

Conselhos sociaes

A FELICIDADE

O bom La Fontaine conta uma fabula quando affirma que a Fortuna se assenta á nossa porta emquanto dormimos. O seu amavel gracejo é bem feito para troçar da agitação esteril; no entanto, devemos não nos esquecer de que elle disse em outro logar, decerto com mais razão:

Trabalhem, esforcem-se! Para provar que um trabalho seguido consegue o lucro recusado aos calculos problematicos e ás emprezas sem base.

Devemos tambem não nos esquecer de que elle dava ali á palavra fortuna um sentido mais amplo do que lhe dava o seculo XVII; significação geral dada á sorte completa que corresponde ao que nós entendemos por felicidade: o que quer dizer não sómente os lucros pecuniarios, a possessão dos bens materiaes, mas tambem o pleno desabrochar de nossas faculdades, de nossas affeicções, a irradiação do nosso ser sobretudo o que nos rodeia.

Tudo isso não pode ser adquirido ou possuido sem esforço, mesmo pelos previlegiados que gozam das mais raras vantagens, desigualmente distribuidas entre os humanos.

Esses tambem teem de lutar; se elles estão melhor armados, melhor providos

de dinheiro, de cultura intellectual, de meio de acção, não deixam no entanto por isso de esbarrar em difficuldades, nos obstaculos que sua vontade nem sempre póde vencer; nas circumstancias que desmoronam seus projectos.

A felicidade é essencialmente relativa, especial para cada individuo conforme seus gostos, seu temperamento e o meio no qual está collocado. Existe sómente com a condição que saibamos collocal-a onde ella deve estar, não nas chimeras, na illusão de attingir fins inaccessiveis, mas em nós mesmos, no contentamento de ambições moderadas, na plena posse de nosso ser moral e na serenidade de nossa consciencia.

Satisfações grosseiras, prazeres faceis não poderiam contentar uma alma delicada cujo ideal está melhor collocado. A inacção é a aspiração dos ignorantes, dos imbecis ou dos covardes. Um ente bem equilibrado não póde desejar senão o amplo exercicio de suas forças intellectuaes e physicas, exercicio que nos ajuda a conquistar a felicidade.

Ella não vem a nós sosinha: é a nós que compete irmos ao seu encontro, sem procurar todavia precipitar o encontro. Para tel-a, não depende de realizar proezas de paladino, mas sómente de cumprir seu dever e de pôr nesse cumprimento uma constante applicação esforçando por nos simplificar nossos desejos, mas ao mesmo tempo elevando-os o mais alto possivel no dominio das nossas forças. Sursum corda!

Apezar do que se pensa no enthusiasmo da nossa mocidade, a procura da felicidade não deve ser feita em marcha accelerada; mas sim em passo cadenciado e lento. E ahi é que se encontra a applicação da maxima de Buffon: "A felicidade não é senão uma longa paciencia".

Paciencia no nosso trabalho, no aperfeiçoamento do nosso caracter e no desenvolvimento de nossas aptidões, na espera dos acontecimentos felizes e na elaboração de nossos projectos, nas grandes provas como nas pequenas contrariedades diarias que não são poupadas a ninguem... Esta constancia é uma das virtudes mais difficeis de praticar, e é ella no emtanto a melhor recompensa porque nos ensina a nos vencermos e a não nos aborre-

cermos por causas insignificantes; nos ensina pela experiencia que nada é estavel e que nós devemos estar sempre procurando o nosso aperfeiçoamento.

Não conhecemos todos nós alguns desses entes fartamente dotados de talento, de intelligencia e desaber, a quem primeiro a existencia parecia sorrir, mas que fizeram uma cama dos seus primeiros exitos, facilmente obtidos, nella deitando-se preguiçosamente?

O seu impulso parou logo; estragaram seus dons não fazendo elles darem tudo que se podia esperar delles. Ficaram entre os mediocres em logar de figurar na elite. Com certeza imaginavam já terem luctado bastante e pensavam que a sorte faria o resto, e preguiçosamente, como o heroe de La Fontaine, esperavam a felicidade dormindo. A felicidade nunca veiu.

NOSSA ALIMENTAÇÃO

OS MINGÁUS

Os mingáus teem tanta importancia na alimentação das creanças na primeira infancia que todo o cuidado é pouco na sua confecção. Todos sabem que o mingáu, alimento composto de farinha cozida no leite, é necessario á creança aos seis mezes, quando o leite só já não é sufficiente para nutrir o seu organismo.

Nas creanças bem constituidas póde-se começar a dar os primeiros leites engrossados aos seis mezes de idade. E' muito importante não começar a dal-os cedo de mais, pois para digerir as feculas o tubo digestivo da creança tem necessidade de um certo grão de desenvolvimento.

Os primeiros leites engrossados devem ser bem ralos. E' um mingáu de transição.

Damos aqui a maneira de fazer esse primeiro leite engrossado. Toma-se uma colherinha (das de café) de qualquer das farinhas — araruta, crême de arroz ou cevada ; desfaz-se em tres colheres (das de sopa) de agua, depois junta-se oito colheres de leite. Põe-se para cozinhar vinte minutos, mexendo sempre com uma colher de páu; junta-se tambem uma pitadinha de sal e uma colher de assucar.

A principio dá-se uma só mamadeira engrossada á creança, mas quinze dias depois já se póde dar todas as mamadeiras engrossadas com excepção da ultima da noite (10 horas) que deve ser só de leite.

Em seguida vae-se augmentando a quantidade da farinha e diminuindo a quantidade da agua.

Nunca se deve temperar o mingáu com chocolate ou cacáo. E' uma coisa erradissima. Porque o chocolate é um pessimo alimento para a creança e quando se lhe dá uma vez a creança habitua-se ao seu bom gosto e não quer mais senão mingáus que tenham um pouco de chocolate.

MENU DE ALMOÇO

MAYONNAISE DE TOMATES COM CAMARÕES

BOLO DE FIGADO

BIFES Á PORTUGUEZA

VAGENS ENSOPADAS

CRÊME BRANCO E AMARELLO

ROSQUINHAS DE ARARUTA

MAYONNAISE DE TOMATES COM CAMARÕES

Colloca-se sobre cada folha de alface, muito bem lavada, um tomate (dos grandes) do qual se tirou as sementes e parte do seu interior; põe-se dentro primeiro um pouquinho de môlho de mayonnaise, depois camarões cozidos, e cobre-se estes com um raminho de couve-flôr tambem cozida em agua e sal, que deve tomar bem toda a abertura para bem encher o tomate. Cobre-se tudo com môlho de mayonnaise e enfeita-se por cima com ovo duro picado.

BOLO DE FIGADO DE PORCO

Passar na machina de picar carne 500 grs. de figado de porco e 200 grs. de toucinho. Juntar 100 grs. de manteiga e um punhado de miolo de pão demolhado e bem espremido. Ligar essa massa com um ovo cru, juntar sal, pimenta, salsa e cebola picada. Mexer muito bem e ir despejando pouco a pouco um copo de vinho branco. Guarnecer uma panella de barro ou uma fôrma com tiras de toucinho. Pôr dentro a massa, cobrir por cima com tiras de toucinho e pôr para cozinhar em forno brando, uma hora e meia pouco mais ou menos.

BIFES A' PORTUGUEZA

Põe-se numa panella 30 grs. de manteiga, uma cebola picada, um pedacinho de alho esmagado, folha de louro, salsa e cebolinha verde—um pouco de cada uma; põe-se no fogo, e no fim de dois minuitos junta-se tomates em pedaços, quatro ou cinco.

Cobre-se a panella e deixa-se refogar bastante tempo.

Depois passa-se por uma peneira esses temperos.

Põe-se, para fritar o bife, 350 grs. de carne; na manteiga 60 grs.; retira-se da frigideira quando estiver assado, tempera-se de sal, conserva-se quente, põe-se na frigideira onde elle foi feito 15 grs. de farinha de trigo ou maizena, deixa-se cozinhar em fogo brando dois minutos, desfaz-se com o môlho de tomates que já se fez. Deixa-se ferver cinco minutos.

Junta-se fóra do fogo no ultimo minuto 10 grs. de manteiga.

VAGENS ENSOPADAS

Depois das vagens bem lavadas, tirado o fio e cortadas em fatias finas põe-se para cozinhar em caldo, em panella hermeticamente tampada.

Para 250 grs. de vagens são precisos dois copos de caldo. No fim de uma meia hora, destampa-se a panella; se ainda resta algum caldo, junta-se simplesmente um pouco de maizena desmanchada numa meia colher de manteiga. Deixa-se cozinhar um pouco para engrossar. No caso de não restar mais caldo depois de cozidas as vagens, junta-se mais um meio copo.

Junta-se, depois de promptas as vagens e fóra do fogo, 50 grs. de manteiga.

CREME BRANCO E AMARELLO

Põe-se para ferver dois copos de leite com uma fava de baunilha e tempera-se com assucar. Tira-se do fogo, deixa-se esfriar e dissolve-se no leite duas colheres de maizena.

Vae novamente ao fogo para cozinhar bem de novo; retira-se e deixa-se esfriar.

Bate-se duas claras muito bem e mistura-se ao leite engrossado. Vae novamente ao fogo, mas sómente para ligar as claras.

e depois despeja-se no prato em que vae ser servido. Faz-se um crême com duas gemmas e um copo de leite tambem fervido com baunilha e temperado com assucar.

Despeja-se esse crême sobre o outro.

Serve-se frio.

ROSQUINHAS DE ARARUTA

Meio prato de farinha de trigo e meio prato de araruta, um pires bem cheio de gordura derretida, um pires de assucar, uma colher de manteiga, 5 ovos, sendo tres sem as claras. Bate-se bem o assucar com os ovos, depois junta-se os outros ingredientes; se a massa ficar dura, junta-se clara batida aos poucos até a massa ficar em bom ponto de enrolar as rosquinhas.

Preceitos de hygiene

A COLICA HEPATICA

Todos sabem que a colica hepatica é provocada pela passagem de um pequeno calculo ou mesmo por um grãosinho de areia através dos canaes biliares. Essa passagem é terrivelmente dolorosa e a maior parte das vezes tratar de uma colica hepatica é lutar sómente contra o elemento dôr. Nessa occasião é só preciso acalmar a dôr; mas a crise passada é preciso que o medico institua uma medicação preventiva.

A crise de colica hepatica não deve voltar, é preciso que o organismo não fabrique novos calculos na sua vesicula biliar, que reproduziriam de novo os mesmos accidentes e que acabariam por trazer accidentes graves. Para isso o doente tem de submetter-se a um regimen com coragem e perseverança.

Não é com uma pillula ou com um medicamento que se impede a volta das colicas hepaticas; é seleccionando sensatamente os alimentos que convêm ao doente.

A maior parte das vezes, a crise passada, a pessôa procura esquecel-a. Póde quando muito fazer uma estação de aguas e na volta convence-se que está curada. Retoma todos os seus habitos, come de tudo, porque aprecia a bôa mesa. Um bello dia, volta uma nova crise: é preciso então deixar o consultorio do medico pelo do cirurgião.

Portanto aquelles que soffrem de colicas hepaticas, e que não querem ir para a mesa de operação, teem que, nos intervalos das crises, seguir um tratamento alimentar. Tratamento *e não* regimen, *porque o alimento favoravel é nesse caso um verdadeiro medicamento.*

O grande perigo, nesse caso, é a cholesterina, substancia que é eliminada pela bilis e que, quando ella é eliminada em excesso, junta-se formando pequenos calculos. Ora, a alimentação impropria é um dos grandes factores desse excesso.

O que deve comer um doente que está sujeito ás colicas hepaticas?

Ou antes o que não deve elle comer?

Os ovos em primeiro lugar.

Tanta gente abusa dos ovos, com o pretexto de fortificar-se. Portanto nada de ovos, nem de miolos, nem de rins, nem de patos, nem de foie-gras! Juntemos a essas prohibições o crême e tambem o leite. Em todo o caso este ultimo, sendo usado com moderação e sobretudo se fôr desnatado, póde ser tomado sem grande

prejuizo. Todos esses alimentos teem o defeito de ser muito ricos em cholesterina e devem desapparecer dos menus dos hepaticos por tal razão.

Não devemos tambem esquecer as lentilhas e os feijões, e em geral todos os legumes seccos. A essas restricções, juntar-se-ão algumas recommendações hygienicas: pequenas refeições, frequentes e pouco abundantes; repouso durante a digestão.

Quanto á questão da manteiga, ella parece estar hoje resolvida. Outróra, bania-se rigorosamente do regimen do hepatico; agora, depois dos trabalhos do professor Chauffard, é ella recommendada. Assim vae a medicina. Verdade de hontem, erro de hoje. Ficou demonstrado que a manteiga era um excellente dissolvente da cholesterina e, por conseguinte, torna-se alimento precioso para a doença a que nos referimos.

Essa lucta contra o excesso de cholesterina no sangue não deve aliás preoccupar sómente os hepaticos. Todos fariam bem em prestar tambem attenção a elle.

Não devemos esquecer-nos de que é a cholesterina que se depositando sobre as paredes das nossas arterics provoca seu endurecimento, o que quer dizer a arteriosclerose, essa ferrugem da vida...

O remedio por excellencia para os hepaticos é uma bôa colherada de azeite de azeitona muito puro todas as manhãs.

O que produz a carie e o máo halito

Pastas e pós dentifricios, por conterem pedra pomes e sabão, limpam os dentes, mas o essencial do dentifricio é evitar a fermentação dos restos de comida que ficam nos intersticios dos dentes, que produzem a carie e máo halito. O dentifricio medicinal ODORANS á base do formaldehydo e thymol, evita essa fermentação e, portanto, o seu uso é indispensavel á conservação dos dentes. Bastam algumas gottas num copo d agua. Compre hoje mesmo um vidro, para experiencia. A' venda em todas as perfumarias e pharmacias.

PENSAMENTOS

Tagarelice imprudente, vaidade tola e curiosidade vã. Tem tudo grande parentesco.

*

O homem é de gelo para as verdades e de fogo para as mentiras.

CONSULTORIO MEDICO

Nice Bento (S. Paulo) — Não me parece tratar-se de lepra maculo-anesthesica, em que ha, em primeira mão, alterações do systema nervoso (de preferencia da sensibilidade). Exame directo por especialista.

Ralfo (Rio) — As informações são insufficientes para o diagnostico e seria mesmo aconselhavel exame directo.

Dindinha (Rio) — Contra o prurido (coceira) aconselho a pasta *Catamin*. E' medicamento util.

Ayradel (Campinas) — A amygdalite chronica (hypertrophia chronica das amygdalas palatinas) é uma das affecções mais frequentes da adolescencia: uni ou bilateral, acompanhada ou não de hypertrophia da amygdala e do tecido cytogeno do rhinopharynge: em casos excepcionaes a hypertrophia da amygdala palatina póde ser acompanhadada da hypertropina da amygdala lingual. O tratamento aconselhado é o cirurgico (amygdalotomia). E' inutil illudir-se pensando que a hypertrophia amygdaliana, de curso chronico, póde reduzir-se com a therapeutica medica.

Discute-se muito hoje sobre a funcção amygdaliana e sobre a conveniencia do acto operatorio, especialmente sobre a funcção endocrinica da amygdala. Ha muita differença entre a amygdala no estado normal e pathologico; ha sempre indicação de extirpal-as parcialmente. Póde-se reduzir a amygdala com o galvano-cauterio. Intensa medicação iodica pela via sub-cutanea. Tóques com

Uso externo: Tintura de iodo, 5 grs.; Glycerina, 10 grs.

Não se deve permittir nunca tóques com nitrato de prata. Sou pela indicação cirurgica.

Rita Miranda (Rio) — Regime lacteo, tisanas diureticas de estygmas de milho a 10%. Injecções intra-musculares de fermentos metallicos (10 c. c. de electrargol).

Vaccinotherapia, auto-vaccinas, a vaccina anti-collibacillar por injecção (a pyelite é de origem collibacillar por via endogena). De 6 em 6 dias, de 1 c. c. de 150 a 500 milhões de microbios. Uroformina, na dóse de 4 comprimidos de 50 centgrs. e injecção intra-venosa de 1gr.,25 em 5 c. c. A's vezes é necessario o catheterismo dos uretéres, com lavagem do bassinete, com uma sol. a 1 por 1.000 de protargol.

Após as refeições dois comprimidos de *Hexal* Riedel, dissolvidos n'um copo dagua.

"*Gigante*" (S. Paulo) — Aconselho o tratamento associado da syphilis: bismutho e 914. Injecções intra-musculares de *Bismophanol*, tres vezes por semana, serie de 15 a 18 injecções. Após o *Bismophanol* uma série de 914 (5 a 6 grs. no total, de accordo com o seu peso, 68 kilos).

"*Nita*" (Rio) — Só é forte a paixão que se agita entre a duvida e a esperança, sem jamais se repousar na certeza. Haverá mesmo certeza no amor? A' ternura da percepção é que se deve o sentimento de encontrar sempre na mulher um ser novo. Pela alma se póde ir mais longe e alcançar a imagem platonica dos desejos profundos.

Jovem esperançoso (Fortaleza) — A hyperhydrose localizada (mãos, pés etc.) é o exagero simples da secreção sudoral nos nervosos deprimidos.

Trat. geral tonico — phosphatos, tannino, arsenico, etc — e anti-nervoso: valeriana, hydrotherapia, faradisação. Int. Sulfato neutro de atropina 1 milligr.

CONSULTORIO DA MULHER

Mme. Selda Potocka, antiga assistente da clinica do dr. Buchener, de Londres, responderá a todas as consultas sobre tratamento da pelle e do cabello e hygiene da mulher. Dirigir correspondencia para a rua Paysandú 111, Rio de Janeiro.

Dagmar — Se lavar a sua cabeça, de 7 em 7 dias com o *Shampoo-Pó* e a friccionar todos os dias, vigorosamente, com o *Tonico n. 9*, a oleosidade de que se queixa cessará e bem assim a queda do cabello. Tenha perseverança.

Dona Helena (S. Paulo) — Se quizer ter o incommodo de enviar-me o seu endereço mandar-lhe-hei um prospecto onde encontra todas as indicações necessarias ao tratamento da pelle e das rugas, e á pratica da massagem que lhe é necessaria.

O regimen para engordar é, como facilmente se comprehende, o inverso do regimen de emmagrecimento. Em vez de exercicio, repouso. Um regimen alimentar não deve ser adoptado sem prévio exame medico.

Mme. O. J. (Santos) — Para clarear as mãos proceda a uma ligeira massagem com o *Crême de Massagem* antes de lavar as mãos. Depois de estas enxutas, applique a *Loção de Embellezar a Pelle* e o *Pó Hygienico*. Deve preferir para a lavagem das mãos o sabonete *Sylkale*.

Gracinda — O rouge *Rosita* dará á sua pelle o tom roxo e saudavel que deseja. A sua applicação é extremamente facil. Para colorir os labios e as unhas é preferivel o rouge *Poziomka*.

Mme. L. A. — A sua pelle precisa de ser submettida a um regimen perseverante.

Um só preparado não basta para restituir á sua cutis a frescura e a saude. O sabonete, o pó de arroz, o rouge, o Crême tudo tem que obedecer ao criterio d'um regimen hygienico. No prospecto dos meus preparados encontra as indicações necessarias d'este regimen.

Se lhes obedecer com perseverança não tardará a verificar uma rapida differença.

Valentina — Tem razão na sua queixa sobre as difficuldades em obter para a limpeza dos utensilios domesticos um sabão que não tenha acção nociva sobre a pelle. Ha mesmo uma consideração bem mais grave a fazer. Se o sabão que usa estraga a pelle é certo que elle terá tambem uma acção nociva sobre as mucosas quando applicado na limpeza dos utensilios de cozinha. Ha muito que eu adoptei para estas limpezas o preparado americano *Brillo*.

Mlle. R. C. L. — O excesso de gordura não é apenas anti-esthetico. E' tambem pouco saudavel. O nosso organismo não deve alimentar gorduras superfluas. O exercicio é o processo excellente de conservar ao corpo a sua elegancia e agilidade. São porém necessarias duas horas por dia para se obter o resultado que se pretende do exercicio. A massagem com o rolo pneumatico veiu tudo facilitar. Com este apparelho obtem-se a reducção da gordura pela actividade da circulação. Em logar das duas longas horas de exercicio, bastam dez minutos diarios para manter a elegancia do corpo, impedir a invasão da gordura e conservar na maxima tensão a energia e vitalidade.

SELDA POTOCKA

Os preparados de madame Selda Potocka acham-se á venda nas principaes perfumarias do Rio e especialmente nos grandes estabelecimentos: CASA BAZIN, *avenida Rio Branco;* PERFUMARIA LAPENNE, *rua do Theatro;* CASA CIRIO, *rua do Ouvidor;* GRANADO & C.a, *rua Primeiro de Março;* CASA DAS FAZENDAS PRETAS, *avenida Rio Branco;* PERFUMARIA NUNES, *rua do Theatro;* CASA ORLANDO RANGEL, *rua 7 de Setembro;* PERFUMARIA AVENIDA; *rua Rodrigo Silva;* RAMOS SOBRINHO, *rua do Rosario;* CASA COLOMBO, *avenida Rio Branco;* PARC ROYAL; PERFUMARIA LAMBERT; CASA PAULINO; CASA HERMANNY.

Tambem se encontram á venda nas capitaes dos Estados e cidades do interior, a saber: *Alegrete*, BRAZ FARACCO; *Amparo*, AU BON MARCHÉ; *Bahia*, LOJA ATHAYDE e MANSO & C.a; *Bello Horizonte*, CASA NARCIZO; *Bagé*, G. MALAFAIA & C.a; *Barbacena*, SOUZA MARQUES & C.a; *Barretos*, CASTRO GOMES & C.a; *Bebedouro*, RICARDO M. MACHADO; *Campinas*, CASA BUCCI; *Campos*, ALFREDO LAMY; *Cachoeira de Itapemerim*, J. DE DEUS MADUREIRA; *Caxias*, GUIMARÃES SILVA & C.a; *Conde de Araruama*, RIBEIRO & FILHO; *Corityba*, A CARIOCA; *Cruz Alta*, JORGE CHAMIM e CASA MONTENEGRO; *Espirito Santo do Pinhal*, CASA TEIXEIRA BRANCO e CARDOSO & RIBEIRO; *Floriano*, THEODORO F. SOBRAL; *Florianopolis*, MELLO & PEREIRA; *Goyaz*, A BANDEIRA VERMELHA; *Fortaleza*; MARIO CAMPOS & C.a; *Itajahy*, IMMANUEL CURRLIN; *Franca* BENJAMIM STEMBERG; *Itú*; ANTONIO FERREIRA DIAS; *Joinville*, JOÃO PIPER; *Juiz de Fóra*, PALACIO DAS NOIVAS; *Lavras*, A BRASILEIRA; *Leopoldina*, WERNECK & C.a; *Maceió*, J. LAGES; *Mossoró*, CAVALCANTE ALVES & C.a; *Nictheroy*, ARMAZEM PRIMAVERA; *Oliveira*, JOSÉ SILVEIRA; *Ouro Preto*, J. B. MENDES; *Palmyra*, SAD & IRMÃO; *Parahyba*, A RAINHA DA MODA; *Pelotas*, A TORRE EIFFEL; *Poços de Caldas*, MOREIRA SALLES & C.a; *Ponte Nova*, MACHADO & CARVALHO; *Petropolis*, CASA HERMANNY; *Ponta Grossa*, TORRES CAMARGO & C.A; *Porto Alegre*, CASA QUEIMADA; *Quissaman*, J. FRANCISCO DE PAULA; *Recife*, ROSA DOS ALPES; *Ribeirão Preto*, VALERIANO F. DOS REIS; *Sant'Anna do Livramento*, HECTOR & ALVAREZ; *Santa Luzia do Carangola*, PHARMACIA DUTRA; *Santa Victoria do Palmar*, FERNANDEZ & LEMOS; *Santos*, MIGUEL GUERRA; *São Paulo*, CASA LEBRE; *São Jorge do Rio Pardo*, CASA LACRETA; *São Sebastião do Paraizo*, SILLOS & IRMÃO; *Sobral*, EUCLYDES SABOIA & C.A; *Taubaté*, CASA CABRAL e MOURA & SIQUEIRA; *Theophilo Ottoni*, J. R. DE CARVALHO; *Therezina* J. R. DE CARVALHO; *Uberaba*, GALDINO PINHEIRO & C.a; *Uruguayana*, BEHEREGARAY & C.a.

Fricções com alcool camphorado ou uma solução aquosa de tannino a 5% e applicar pó de talco com 1% de tannino ou de alumen. Radiotherapia (que atrophia as glandulas). E' o melhor methodo.

L. M. (Santos) — A fraqueza genital é perfeitamente curavel. No seu caso é consequencia da blenorrhagia mal tratada.

Trat. Massagens da prostata, dilatação da urethra com diathermia. Injecções sub-cutaneas diarias da minha formula *Sôro lipotrophico masculino* e ás refeições dois comprimidos de *Yohydrol*. Mediante endereço certo enviarei todas as indicações necessarias.

Desilludida (Mathias Barbosa) — Só directamente poderei tomar conhecimento do objecto da sua carta. Aguardo noticias.

Mme. Alice (Theresopolis) — Recommendo-lhe a seguinte formula:

Uso interno: — Xe. iodo tannico, 200 grs.; Licôr de Pearson, 12 grs.; Lactophosphato de calcio, 10 grs.

Tomar, por dia, duas colheres de sobremeza. Dar banhos de sol á creança. Quando possivel banhos de mar (Copacabana).

DR. VEIGA LIMA.

P. S. — *Toda correspondencia deve ser dirigida ao* DR. VEIGA LIMA. — *Cons. 5, Rua Uruguayana, 1.º andar — Rio de Janeiro. — A's 3 horas. — Tel. 5763 Central. — Caixa Postal 23.16.*

Consultorio Odontologico

F. de Castro Junior (Barbacena) — Já está preparada. Cheio o canal, colloque o cone de gutta-percha, comprimindo-o lentamente.

E' a meu vêr um dos bons obturadores de canaes.

Renato Cerqueira (Minas Geraes) — Não deve fazer uso do carvão para limpar os seus dentes. O pó irrita o reborto gengival e arranha a superficie lisa do esmalte.

W. L. L. (Pernambuco) — Deve ser como o amigo pensa. Procure com urgencia um dentista para debelar o mal.

Alexandrino Gomes (Pernambuco) — Porque os incisivos inferiores resistem mais. O saudoso professor Benicio de Sá organizou um trabalho estatistico, encontrando o resultado que segue:

Incisivos superiores, 6%; Incisivos inferiores, 1%; Caninos superiores, 2%; Caninos inferiores, 1%; Premolares superiores, 12% Premolares inferiores, 7%; Grossos molares superiores, 22%; Grossos molares inferiores, 49%.

Esther Lima (Ponte Alta, Minas Geraes) — Experimente o seguinte:

Aniz verde, 64,0; Canella, 10,0; Cravo, 1,0; Pyrethro, 4,0; Cochonilha, 5,0; Cremor de tartaro, 5,0; Benjoim, Myrrha, ãã 2,0; Essencia de hortelã, 4,0; Alcool a 90°, 2.000,0.

Em maceração 8 dias. (off.).

ALEXANDRINO AGRA.

Toda a correspondencia para esta secção deverá ser enviada para o consultorio do cirurgião-dentista ALEXANDRINO AGRA, *á rua Rodrigo Silva, 28-1.º andar Telephone 1838 Central. — Rio de Janeiro.*

Está á venda o

O 1.º em nosso idioma: pela tiragem — pelo primor graphico — pela massa de informações que contem — pela variedade de seu texto — pela abundancia e apuro de suas illustrações — pela utilidade de suas informações.

1.500 GRAVURAS

30 PAGINAS A CORES